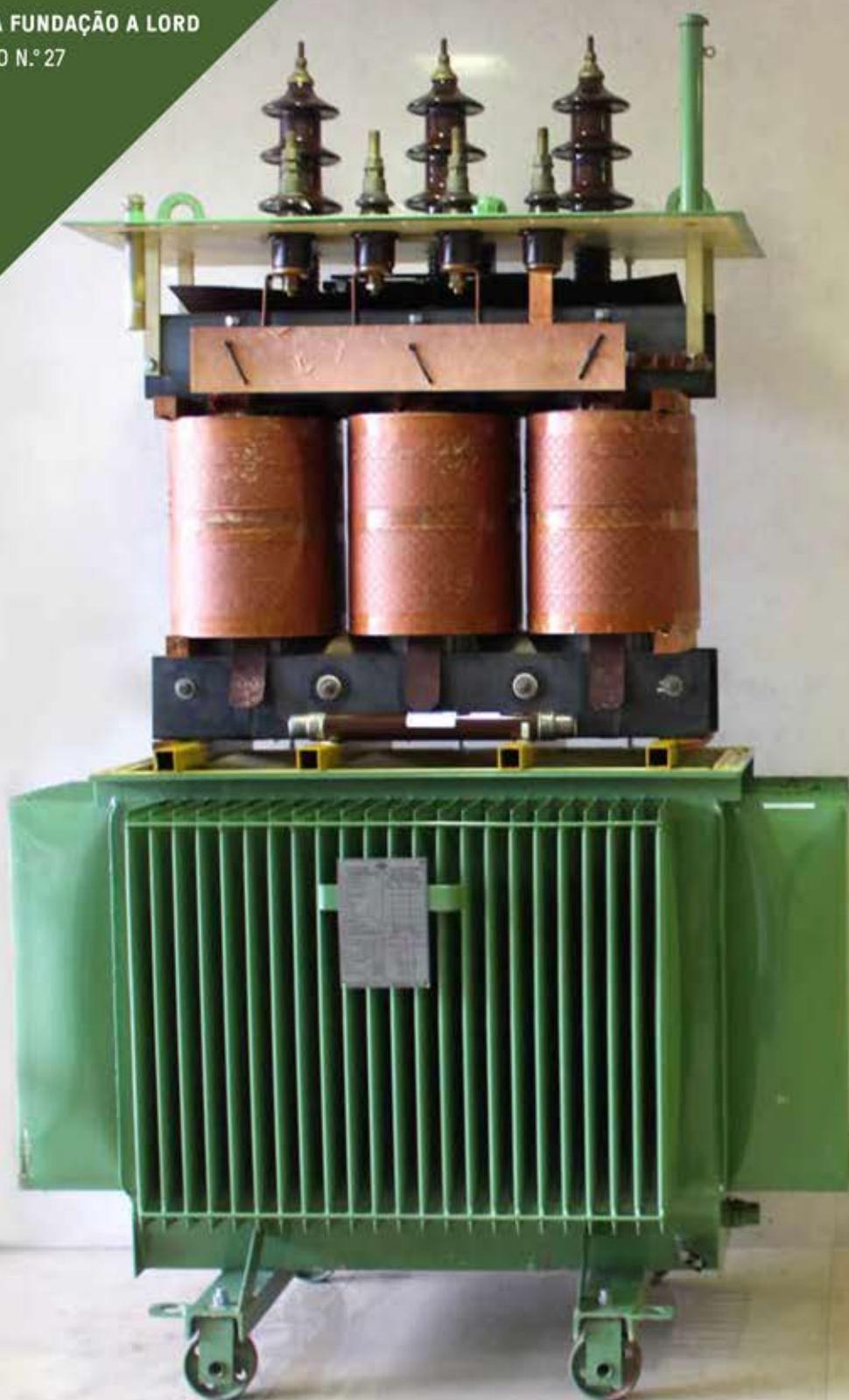


PRESENÇA

REVISTA DA FUNDAÇÃO A LORD
2018 ANO 20 N.º 27





A Fundação A LORD, como Instituição aberta, desenvolve atividades de caráter cultural e social em benefício da comunidade.

A revista “Presença” testemunha a concretização de vários projetos desenvolvidos nos diversos departamentos desta Instituição - Auditório, Biblioteca, Cooperação, Escola de Artes, Formação e Museu. Em resultado deste trabalho, foi possível organizar esta publicação onde se referencia tudo o que se realizou durante o ano de 2018.

Conforme se constata, cada um dos departamentos levou a cabo as seguintes iniciativas: conferências, celebrações de efemérides, representação de peças de teatro, organização de atividades lúdicas e manuais, concertos, espetáculos de dança...

Para além destes acontecimentos, é de realçar a concretização de um programa variado, cujo critério se pautou pela promoção da cultura local, pelo interesse da comunidade e pela transformação social da mesma. Estabeleceu-se, deste modo, uma interação com o exterior. Neste sentido, é de relevar: a concretização de propostas vindas de companhias de teatro amador e profissional, companhias de bailado, companhias de circo; a organização de várias exposições de arte sacra, pintura, escultura, cerâmica; a dinamização de debates sobre temas da atualidade...

Por outro lado, a Instituição manteve uma relação de envolvimento com alguns colaboradores externos que se disponibilizaram a escrever para a revista “Presença” acrescentando-lhe valor. Neste contexto, alargou-se a função cultural, formativa e solidária da Fundação.

O trabalho desenvolvido procurou ir ao encontro das expectativas criadas ao longo dos anos anteriores em contínuo aperfeiçoamento da nossa programação.

Nesta perspetiva, importa reter as palavras de Umberto Eco: “Numa experiência o decorrer é o decorrer de algo para algo. Deste modo, são «experiências» um trabalho bem feito, um jogo concluído, uma ação levada a cabo, segundo o fim pré-fixado.”

Francisco Moreira da Silva
Presidente da Fundação A LORD



Ficha Técnica

Edição e propriedade

Fundação A LORD
Rua da Cooperativa, 27
4580-809 Lordelo PRD
Tel.: 224 447 357
geral@fundacaoalord.pt
www.fundacaoalord.pt

Periodicidade

Anual

Tiragem

500 exemplares

Depósito legal

161497/01

Design gráfico

Xpto Design

Impressão

Orgal Impressores

Presença

Revista da Fundação A LORD
Ano 20, n.º 27, 2018

Diretor

Francisco Carlos Jorge Moreira da Silva
Presidente do Conselho de
Administração da Fundação A LORD

Coordenação

Ana Maria Martins
Lasalette Silva

Colaboração

Álvaro Pacheco
Ana Cristina Silva
Ana Ferreira
Ana Maria Cabral
Ana Maria Martins
Beatriz Ester Moura de Castro
Cecília Leal
Célia Sousa
Domzília Martins
Eugénia Gonçalves
Fátima Carneiro
Helena Gil da Costa
Henrique Manuel Pereira
Hugo Romano
Lasalette Silva
Manuel Monteiro
Manuela de Abreu e Lima
Maria da Graça Mourão
Maria Florinda Almeida
Marília Almeida
Odete Mendes
Paula Rodrigues
Rosário Barbosa
Rosário Correia Machado
Rui Leal
Rui Pinheiro
Sara Lamas
Sílvia Rebanda
Vitor Moreira

AUDITÓRIO

Exposição de Presépios	6
Concerto de Reis	6
Helena Fortunato - Exposição de Escultura	7
Orfeão Universitário do Porto - Sarau	8
Gente Animosa, com "Rosa do Alho" e "Duas Gatas" - Sarau Cultural	10
Blind Zero - Often Trees - Concerto	11
Emoções em Forma de Arte - Exposição	11
Comemoração do 85.º Aniversário da Cooperativa de Electrificação A LORD - Concerto	12
XIX OrffLORD - Encontro de Coros	12
Arte Sacra II - Exposição	13
Verdegar - Espetáculo	14
Outubro Musical - Concertos	15
Uma História que não Lembra ao Diabo - Teatro	15
XXII Aniversário da Fundação A LORD, XVIII Aniversário da Biblioteca da Fundação A LORD	16

BIBLIOTECA

Histórias de Encantar, Teatro de Fantoques	18
Escritor do Mês	19
O Leituras Sugere...	19
Um Poema	20
Dia Mundial do Livro	22
Dia Internacional do Livro Infantil	25
Encontro com a Escritora Manuela Ribeiro	26
Feira do Livro	27
Visita Cultural: Coimbra	29
XVIII Ateliê de Olaria	30
XVIII Aniversário da Biblioteca, XXII Aniversário da Fundação A LORD	31
Do Livro para o Palco - Espetáculos de Teatro	32
Novo Ano, Novidades na Biblioteca!	34
O Nosso Blogue	34
O Nosso Catálogo Online	34

COOPERAÇÃO

Ateliês	36
Visita Cultural ao Palácio S. Bento	38
Atividades nas Férias	39
Comemoração do Dia Mundial dos Avós	41
Comemoração do Dia de São Martinho	42
Colónia de Férias	42
Visitas Culturais	43
Natal, Tempo de Partilha!	43
Gabinete de Apoio ao Doente	44
Lordelo Solidário	44
Cedência Gratuita do Autocarro	44



	ESCOLA DE ARTES	
	Clube de Teatro - LORDator	46
	Escola de Dança - Ballet Clássico	48
	Escola de Dança - Hip Hop	49
	Escola de Dança - Danças de Salão	49
	Escola de Música - Um Contributo para a Educação Musical	50
	Orfeão	51
	Orquestra	52

	FORMAÇÃO	
	Formação Profissional para Desempregados	54

	MUSEU A LORD	
	Museu A LORD	56

	OPINIÃO	
	A Paz Nossa de Cada Dia Nos Dai Hoje - Álvaro Pacheco	58
	O Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória - Beatriz Ester Moura de Castro	60
	Fontes de Inspiração - Cecília Leal	63
	Parábola(s) da Lei: em Torno de um Livro, de um Homem, de uma Obra - Henrique Manuel Pereira	65
	O 25 de Abril - Manuela de Abreu e Lima	67
	Não se Esquece um Grande Amor - Texto de Maria Florinda Almeida, ilustrações de Marília Almeida	70
	Alberto Caeiro e um Toque de Fernando Pessoa - Odete Mendes	74
	O Centro de Interpretação do Românico - Rosário Correia Machado	76
	Uma Advocacia Anoréxica e Estatizante - Sílvia Rebanda	78
	Viagens de Antanho (IV) - Vítor Moreira	79

	Poesia	
	Poema, Senhora do Natal, Ser mulher, Coração - Ana Maria Cabral	84
	Sempre, Uma história de amor, Na espera das palavras - Donzília Martins	85

	EVENTOS EXTERNOS	88
---	-------------------------	-----------

Auditório



O Auditório da Fundação A LORD é um espaço onde se potenciam experiências culturais diversas: conferências, exposições de arte, espetáculos de música, teatro, dança...

Um lugar de onde emana a vontade de concretizar projetos criativos, provenientes dos vários departamentos instituídos pela Fundação A LORD. É também um espaço aberto com uma forte componente social de transformação cultural, uma vez que possibilita a difusão de obras artísticas vindas do exterior.

Assim sendo, acredita-se que, chamando toda a comunidade a intervir e a usufruir de um património imaterial que acontece no Auditório, ela dará significado valorativo ao mesmo, já que todos os intervenientes se conjugam para construir bens culturais.

EXPOSIÇÃO DE PRESÉPIOS

Lasaete Silva

▶ Em janeiro, continuou patente ao público, na Fundação A LORD, a exposição de presépios, composta por 316 peças da colecionadora Rosa Lima Camões. A mostra mereceu um grande interesse por parte da população o que justificou o seu prosseguimento.



CONCERTO DE REIS

Lasaete Silva

▶ No dia 13 de janeiro, a Fundação A LORD realizou, no seu Auditório, mais um **Concerto de Reis**. Este ano foi possível a concretização de um projeto já há muito ambicionado: o Orfeão e a Orquestra da Fundação A LORD, em conjunto, apresentaram músicas natalícias.

Deste modo, houve oportunidade de apreciar

as seguintes músicas: “A Christmas Festival”, “The Spirit of Christmas”, “Christmas Around the World”, “White Christmas”, “A Mad Russian’s Christmas”, “A Swinkling Christmas”, “Carol of the Bells” e “A Continental Christmas”.

Foi um serão que motivou sentimentos de nostalgia, amor e paz em todos os presentes.



HELENA FORTUNATO

EXPOSIÇÃO DE ESCULTURA

Lasaete Silva

▶ De 17 de fevereiro a 30 de abril, a Fundação A LORD expôs, no seu Auditório, algumas peças da artista Helena Fortunato.

A escultora, sócia fundadora da Artistas de Gaia - Cooperativa Cultural, CRL, apresentou algumas obras em diversos materiais, nomeadamente bronze, mármore, granito e pedra; troféus, medalhas e obras públicas - mo-

numento Santa Apolónia, Faculdade de Medicina Dentária do Porto, Cristo Triunfante, Capela da Luz, Lar de Santa Cristina de Tendais, Capela de Santa Quitéria em Cinfães, Viseu, e monumento ao Associativismo em Vila Nova de Gaia.

A mostra despertou o interesse de um vasto público, tendo-se registado mil oitocentas e quarenta e oito visitas.



ORFEÃO UNIVERSITÁRIO DO PORTO

SARAU

Ana Maria Martins

▶ No dia 24 de fevereiro, o Orfeão Universitário do Porto (OUP) apresentou, mais uma vez, no Auditório da Fundação A LORD, um espetáculo do qual fizeram parte os seguintes grupos: **Pauliteiros de Miranda**, **Maçadeiras**, **Danças e Cantares Etnográficos**, **Cante Alentejano**, **Jograis**, **Fado Académico** e **Tuna Universitária**.

É de salientar a importância deste Orfeão, fundado em 1912, que, ao longo do tempo, tem vindo a divulgar a música coral e a cultura portuguesa a nível nacional e internacional.

Cada um dos elementos do Grupo dos **Pauliteiros de Miranda** apresentou-se com trajes coloridos, evocando a simbologia dos guerreiros da Grécia Antiga. A sua atuação reforçou essa simbologia guerreira nos movimentos executados - os intervenientes cami-

nham, de pau grosso na mão, em jeito de arma, como se se apresentassem num campo de batalha.

Importa também ter em atenção o **Grupo de Cantares das Maçadeiras** que interpretou cantigas femininas antigas que fazem recordar os trabalhos do campo, as romarias... Aqui, os instrumentos de trabalho e musicais apresentados - maça, foice, adufe - completaram a coreografia, criando um ritmo harmónico entre os cantares e os gestos.

O **Grupo de Danças e Cantares Etnográficos** cumpriu igualmente um papel importante no palco. Permitiu ao público apreciar danças e músicas tradicionais de quatro regiões de Portugal Continental e Ilhas: Douro, Minho, Madeira e Açores.



O Cante Alentejano, Património Mundial da UNESCO, foi evocado pelo **Grupo do Cante Alentejano do OUP**. Assinala-se o modo como o grupo de homens se apresentou em palco: lenço tabaqueiro ao pescoço e todos os elementos entrelaçados, balançando-se ao ritmo lento do cante - uma homenagem ao povo alentejano, símbolo de uma cultura específica, que caracteriza uma região de Portugal.

O grupo de **Jograis** apresentou textos originais de carácter humorístico, dando forma a uma sátira político-social, remetendo-nos para as raízes dos antigos artistas itinerantes da Idade Média que animavam feiras e saraus da nobreza.

O espetáculo viveu, também, um momento de tradição estudan-

til ao ouvir-se o **Fado Académico** cantado por jovens estudantes que deram voz a temas sempre presentes - a Paixão, a Morte, a Mãe...

Ao terminar o Sarau ouviu-se a **Tuna Universitária do Porto**, uma das mais antigas de Portugal, que representou com brio a Academia Portuense. O público desfrutou de um repertório variado, incluindo temas ibero-americanos.

Neste Sarau, as vozes, a música, as danças e os trajes dos jovens estudantes proporcionaram ao público a lembrança de costumes e tradições de diversos grupos da nossa sociedade que merecem ser evocados.



GENTE ANIMOSA, com “Rosa do Alho” e “Duas Gatas”

Sarau Cultural

Helena Gil da Costa

► O Grupo GENTE ANIMOSA, do “Programa Universitário Mais Saber” da Universidade Católica do Porto, apresentou um sarau cultural no Auditório da Fundação A LORD, no dia 17 de março de 2018, numa atuação que revelou originalidade e rigor na execução. A assistência aplaudiu com entusiasmo e manifestou o seu grande apreço. Tratou-se de um diálogo de várias linguagens, designadamente poesia, vídeo e música. Com relevo para as peças de teatro “Rosa do Alho”, de Carlos Pereira Valle, em estreia absoluta, e de “Duas Gatas”, de Celestiano Rosa, o espetáculo integrou também a presença musical do *Disco Voador*, com Joana Manarte e Tiago Rodrigues, e a colaboração de alunos da Escola das Artes da mesma Universidade.

Com conceção e direção do Prof. Doutor Henrique Manuel Pereira, em prolongamento das unidades curriculares “Palavra, Som

e Imagem” e “Artes de Palco”, o Grupo de Teatro GENTE ANIMOSA nasceu em 2015-16. Enquanto projeto de criação artística multidisciplinar, faz a interligação de três dimensões - curricular, cultural e solidária - e leva à cooperação com iniciativas de compromisso partilhado, de responsabilidade social, de construção do bem comum. Já conta com diversas apresentações públicas.

O “Programa Universitário Mais Saber”, coordenado pela Prof.ª Doutora Helena Gil da Costa, proporciona uma formação contínua e diversificada onde se cruzam a aprendizagem, a reflexão e o fortalecimento das relações interpessoais. É dedicado a uma população que quer saber mais porque sente necessidade de pensar os seus problemas e os problemas do seu tempo, de ter projetos, de descobrir caminhos para envelhecer bem.



BLIND ZERO – OFTEN TREES

CONCERTO

Rosário Barbosa

► Mais uma vez, a banda BLIND ZERO pisou o palco do Auditório da Fundação A LORD para delírio do público que, ansiosamente, aguardava pela abertura das portas, enchendo a sala por completo.

Como o seu vocalista, Miguel Guedes, é muito conhecido pelos gostos e opiniões futebolísticas, não faltaram, antes do espetáculo começar, trocas de pareceres entre o público.

Assim, mal o vocalista apareceu no palco, ouviram-se vozes da plateia e elogios, dando motivos para as respostas do Miguel Guedes em relação ao futebol que foram rapidamente abafadas pelo som da guitarra.

A Banda, fundada em 1994, na cidade do Porto, apresentou o seu novo disco “Often Trees” num concerto acústico e intimista, mas sem perda de identidade para os apreciadores de guitarra. Ouviram-se temas mais antigos, mas sempre apreciados pelos seus admiradores. Durante o espetáculo, o som estrondoso deu origem a muitos aplausos...

Um grande concerto! Opinião do público, demonstrada durante a sessão fotográfica do grupo com os seus fãs, no final do espetáculo!



EMOÇÕES EM FÓRMA DE ARTE



Ana Pinho / Avelino Rocha / Filipe Rodrigues / Helena Fortunato
Humberto Nelson / João Carqueijeiro / Marco Costa / Nazaré Álvares
Ricardo de Campos / Susana Bravo

CURADORIA
HELENA FORTUNATO

EMOÇÕES EM FORMA DE ARTE

EXPOSIÇÃO

Rosário Barbosa

► Esteve patente ao público, de 19 de maio a 31 de agosto, na Fundação A LORD, a exposição coletiva “Emoções em Forma de Arte”.

Nesta mostra, que contou com a curadoria da escultora Helena Fortunato, estiveram expostas obras de dez artistas de diferentes gerações, abrangendo a pintura, a escultura e as artes gráficas.

Na inauguração da exposição, alguns dos artistas explicaram aos presentes como foram criadas as obras, quais os materiais usados e a mensagem que queriam transmitir.

O público constatou que a criatividade de cada artista pode ser manifestada através da utilização de várias matérias primas, indo ao encontro da sua opinião sobre a arte e a sociedade. O interesse da mostra manifestou-se pelo número de visitantes que se aproximou de dois mil e quinhentos registos.

COMEMORAÇÃO DO 85.º ANIVERSÁRIO DA COOPERATIVA DE ELECTRIFICAÇÃO A LORD

Sara Lamas

► A Cooperativa de Electrificação A LORD foi fundada em 10 de maio de 1933 e, desde então, é responsável pelo fornecimento de energia elétrica em Lordelo.

Para comemorar os seus 85 anos, a Fundação A LORD promoveu um concerto, no dia 19 de maio, com a atuação da Orquestra da Fundação A LORD. Neste concerto, os músicos interpretaram três obras, sendo elas: *Bonaparte* de Otto M. Schwarz, *Desert Storm*

- *Sinfonia n.º 1* de Ferrer Ferran e *Star Wars Saga* de Johan de Meij. O concerto terminou com o *Hino A LORD* de Gilberto Coelho.

No final do evento, o Presidente do Conselho de Administração da Cooperativa de Electrificação A LORD e da Fundação A LORD, Francisco Moreira da Silva, dirigiu algumas palavras de agradecimento aos presentes, realçando o papel da Cooperativa ao longo dos seus 85 anos de existência.



XIX ORFFLORD ENCONTRO DE COROS

Rosário Barbosa

► No dia 30 de junho, e como já é habitual, a Fundação A LORD realizou o "OrffLORD".

Este encontro de coros contou com a presença do Orfeão de Guimarães, do Orfeão Claves de Sol e Fá de Fânzeres, Gondomar, e do Orfeão da Fundação A LORD.

O Orfeão de Guimarães, um coral centenário, brindou-nos, de forma excelente, com a sua experiência na arte de cantar.

O Orfeão Claves de Sol e Fá, um grupo de formação mais recente, mas com um repertório diversificado e alegre, fez o público cantar, entre outras canções, a "Desfolhada" de Armando Leça.

Por último, o Orfeão da Fundação A LORD apresentou com entusiasmo o seu repertório, incluindo um conjunto de cânticos que foram ao encontro das expectativas do público presente.



ARTE SACRA II

EXPOSIÇÃO

Ana Maria Martins

▶ De 29 de setembro a 31 de dezembro, esteve aberta ao público, na Fundação A LORD, uma exposição de Arte Sacra, dando continuidade à realizada em 2014. Pretendeu-se estimular a preservação e apreciação de um Património cultural e religioso existente na Paróquia de São Salvador de Lordelo.

O acervo paroquial foi posto à disposição da Fundação A LORD, através do Senhor Padre Rui Pinheiro, responsável pela Paróquia, para que fosse possível organizar esta mostra.

É de assinalar a originalidade e antiguidade das peças em exposição - esculturas, objetos litúrgicos, paramentos, mobiliário, documentos antigos, fotografias - que, retiradas do seu contexto próprio, evidenciaram uma grande importância artística, dando significado à valiosa herança patrimonial da nossa comunidade que deve ser preservada, recuperada, apreciada e valorizada para que as gerações vindouras a possam conhecer.

Nesta perspetiva, a Fundação A LORD levou a cabo um trabalho rigoroso de recuperação de algumas peças, executado por profissionais credenciados. Prosseguiu-se, assim, uma tarefa já iniciada anteriormente. Com efeito, pretendeu-se que, após a visita a esta exposição, fosse reconhecida a dimensão de um bem patrimonial que faz parte da nossa memória coletiva.

Este evento de caráter efêmero deixou latente a necessidade da construção de um futuro **Museu de Arte Sacra** e afirmou o papel da Fundação A LORD na promoção sociocultural da comunidade.

ARTE SACRA II

EXPOSIÇÃO

Padre Rui Pinheiro

Vítor Moreira

▶ O espólio da nossa Paróquia contém peças de Arte Sacra de inegável valor histórico que devem ser do conhecimento dos lordelenses e de todos aqueles que nos visitam.

O sucesso da primeira exposição de Arte Sacra na Fundação A LORD foi o incentivo para a realização da segunda exposição. Quisemos pôr, mais uma vez, os visitantes a olhar para o nosso património que traduz a identidade do culto sagrado da nossa Igreja ao longo dos séculos.

Nesta exposição o visitante pôde viajar pelo tempo e apreciar vários objetos artísticos - esculturas de santos, objetos litúrgicos em prata, paramentos, fotografias das nossas capelas e nichos -, testemunhos que estão intimamente ligados à religiosidade e ao sagrado.

No final da "viagem" o visitante ficou a conhecer melhor o acervo da Paróquia de São Salvador de Lordelo e a devoção da sua comunidade.





VERDEGAR

NÚCLEO DE ETNOGRAFIA E FOLCLORE
DA UNIVERSIDADE DO PORTO

Ana Maria Martins

► “*Verdegar*, uma leitura subjetiva e muito criativa de histórias de vida...” vivenciadas através da música, da dança e das tradições da região do Douro, na década de quarenta do século XX.

O espetáculo, apresentado, no Auditório da Fundação A LORD, pelo Núcleo de Etnografia e Folclore da Universidade do Porto (NEFUP), mostrou a capacidade de reinvenção de histórias recolhidas, tendo em vista divulgar a etnografia e o folclore.

Assistiu-se a um trabalho rigoroso, alicerçado em músicas tradicionais vindas de cancioneiros antigos, lembrando os bailes populares. No palco, o grupo de dança proporcionou aos espetadores momentos de beleza não só rítmica, mas também de cor, gerando um entendimento do que seriam as festas de outros tempos.

O resultado de pesquisas feitas em Entre-os-Rios, Baião, Amaranthe, Cinfães, Resende, Castelo de Paiva e Penafiel fez emergir um reportório multifacetado, tornando clarividente a identidade deste território.

O público partilhou entusiasticamente as narrativas apresentadas através das canções, músicas e danças, sendo estimulado, em consequência, a conhecer a riqueza cultural da região, construída por várias gerações. Relewa-se, deste modo, a homenagem prestada pelo NEFUP à “paisagem humana” destas terras.





OUTUBRO MUSICAL

CONCERTOS

Rosário Barbosa

► Mais um ano a comemorar o **DIA MUNDIAL DA MÚSICA** que, na Fundação A LORD, se prolonga por todo o mês de outubro.

Assim, no Auditório da Fundação A LORD, realizaram-se dois concertos. No primeiro, dia 6, o Orfeão da Fundação A LORD apresentou um repertório com temas variados entre eles: “A Paixão” de Rui Veloso e “Con te Partirò” de Andrea Bocelli. Uma “paleta” de músicas que deliciou a assistência, levando-a mesmo a interagir cantando e batendo palmas ao ritmo das canções.

No dia 20, foi a vez da Orquestra da Fundação A LORD, sob a direção do maestro convidado Fernando Marinho, executar algumas obras entre as quais: “Requiem” de D. Maslanka e “Divertimento” de O. Waespi.

O agrado do público presente mostrou-se bem visível através dos aplausos que se fizeram ouvir no final do espetáculo.

Houve, ainda, a entrega de diplomas do **I Curso de Direção da Orquestra** que teve início a 16 e terminou no dia do concerto.

UMA HISTÓRIA QUE NÃO LEMBRA AO DIABO

TEATRO

Ana Maria Martins

“O teatro é a vida em metáfora de gente”

Luís Miguel Cintra

► Quando se assiste a uma peça de teatro, comédia ou drama, exige-se do espetador a compreensão de que estamos perante uma realidade imaginada que pretende ser interpretada pelo público. No contexto teatral, na peça “Uma história que não lembra ao diabo”, protagonizada pelo Grupo Dramático e Recreativo da Retorta, é de sublinhar a interpretação imaginativa do grupo de atores e as escolhas inovadoras da encenadora Laura Avelar Ferreira.

“Uma história que não lembra ao diabo” passa-se num recinto de feira onde se encontram dois malandros, uma família sonhadora, um compadre simplório, um cego sem guia, um aleijado, vendedores insolentes e vigaristas, um fiscal, um doutor e uma meretriz. Estas personagens têm por função construir uma história com humor, alterando convenções sociais: um cego sem guia, um aleijado que não manca, um fotógrafo que corta pernas... - um faz de conta para fazer rir o público, multiplicando situações insólitas.

Mais uma vez o público teve a oportunidade de apreciar a representação dos atores e, porventura, levantar dúvidas e formular uma opinião sobre as personagens que representam. Daí, a importância do teatro como um instrumento para desvendar, através do humor, os “males” das relações sociais. Neste sentido, justifica-se lembrar o espírito do teatro de Gil Vicente “É a rir que se castigam os costumes”.



XXII ANIVERSÁRIO DA FUNDAÇÃO A LORD XVIII ANIVERSÁRIO DA BIBLIOTECA DA FUNDAÇÃO A LORD

Lasaete Silva

▶ A Fundação A LORD finalizou a programação do seu Auditório com a celebração do XXII e XVIII aniversários da Instituição e da sua Biblioteca, no dia 1 de dezembro.

Para o efeito, deu-se início às comemorações com a dramatização da peça de teatro “A galinha preta”, protagonizada por trinta e uma frequentadoras dos ateliês da Fundação, seguindo-se um momento musical.

Outros momentos apresentados foram: a peça de tea-

tro “Eu+Tu=Nós”, protagonizada pelo grupo de teatro LORDator, e a dança da música “Mad World” de Riverdale.

Para terminar o evento, o Senhor Presidente, Francisco Moreira da Silva, agradeceu a todos os que participaram nas celebrações e aos presentes, convidando-os a cantar os parabéns à Instituição e à sua Biblioteca. Houve ainda tempo para saborear o bolo de aniversário e receber pequenas lembranças.



Biblioteca



A missão de ser biblioteca

A Biblioteca da Fundação A LORD tem como objetivo fomentar o gosto pela leitura, bem como reforçar a importância de ler.

Um livro ganha “voz” e invade espaços, oferecendo novas viagens, novos mundos e, sobretudo, mostrando novos caminhos.

É nesta vontade de “contágio” que desenvolvemos o nosso trabalho, para podermos proporcionar múltiplos encontros com o livro. Promover o bom relacionamento das crianças com os livros e fazer da leitura um hábito pode transformá-los em cidadãos mais críticos e criativos. E essa relação deve

começar antes mesmo que elas decifrem o alfabeto ou vão para a escola. Nas Histórias de Encantar ou no Teatro de Fantoques, nos encontros com escritores, procuramos cultivar esse hábito de ler no dia a dia, incentivando-as a manusear as obras e a entender que aquele pedaço de papel pode ser um bom amigo para momentos muito divertidos. Na leitura presencial ou domiciliária, queremos que todos, os mais e os menos jovens leitores descubram na biblioteca, em casa ou noutros espaços e em diversos momentos, o prazer despreocupado e prazeroso da companhia de um bom livro.



HISTÓRIAS DE ENCANTAR TEATRO DE FANTOCHES

► A Biblioteca empenha-se, de modo muito especial, no trabalho desenvolvido junto dos seus utilizadores mais pequenos. O interesse pelas **Histórias de Encantar** e pelo **Teatro de Fantoques** manifesta-se pelas numerosas inscrições que, a partir do mês de setembro, registamos com prazer.

Ao longo deste ano, cerca de 1402 meninos de infantários e escolas básicas dos concelhos de Paredes, Paços de Ferreira, Valongo e Penafiel vieram visitar-nos, sonhando e aprendendo com as **Histórias de Encantar** e deixando-se seduzir pelas personagens das histórias apresentadas no **Teatro de Fantoques**.

As crianças, aconchegadas no canto das histórias, seguem, atentamente, o fio da narrativa, interagindo com a vivacidade própria da sua idade.

Depois, há ainda tempo para uma atividade plástica e colorida e para a fotografia de grupo, registada no nosso álbum de visitas.



As nossas **Histórias de Encantar** também gostam de sair da Biblioteca e, assim, em janeiro, a convite da Associação de Pais da Escola Básica n.º 1 de Lordelo, a nossa equipa de animação dinamizou, na **Festa do Pijama**, a dramatização do texto *A Casa da Mosca Fosca* de Eva Mejuto. Após momentos de boa disposição e alegre convívio, o sono teimava em não chegar...



► Divulgar os escritores e a sua obra bem como as novidades mensais disponibilizadas pela Biblioteca a leitores de todas as faixas etárias, no sentido da promoção da leitura e do alargamento cultural, é outro dos nossos principais objetivos.

ESCRITOR DO MÊS

Os autores que selecionámos este ano:

Janeiro

Júlio Dinis

Julho

Haruki Murakami

Fevereiro

Kazuo Ishiguro

Agosto

Rita Ferro

Março

António Nobre

Setembro

Helder Moura Pereira

Abril

Ana Teresa Pereira

Outubro

Germano Almeida

Maio

Rodrigo Guedes de Carvalho

Novembro

Raul Brandão

Junho

Helena Sacadura Cabral

Dezembro

Ana Luísa Amaral

O LEITURAS SUGERE...

Neste espaço, dedicado aos mais novos, foram estas as nossas propostas de leitura:

Janeiro

Histórias de adormecer para raparigas rebeldes

Elena Favilli

Fevereiro

O gato e o escuro

Mia Couto

Março

Castanho e Branco

Manuela Ribeiro

Abril

As duas casas

Ana Teresa Pereira

Maio

Eu quero, posso e consigo!

- Dominar o medo

Susana Amorim

Junho

Malaquias não resiste a um chocolate

Mário Cordeiro

Julho

Operação marmelada

Manuela Ribeiro

Agosto

A bruxa Cartuxa no hotel assombrado

Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada

Setembro

Plantar um beijinho

Amy Krouse Rosenthal

Outubro

Não gosto de salada!

Tony Ross

Novembro

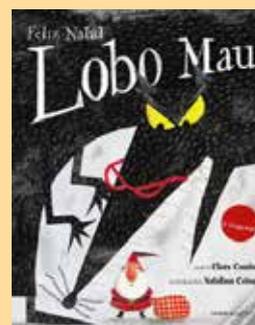
Pedro Alecrim

António Mota

Dezembro

Feliz Natal Lobo mau

Clara Cunha



UM POEMA

► No sentido da divulgação da poesia, publicamos um poema, mensalmente, no nosso blogue.

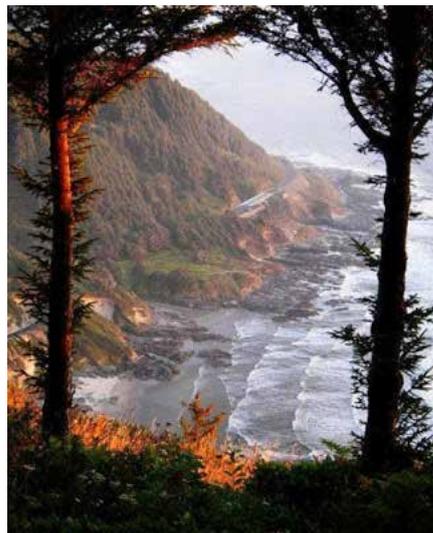
Para fruição dos leitores, apresentamos alguns dos selecionados este ano.



De ramo em ramo

Não queiras transformar
em nostalgia
o que foi exaltação,
em lixo o que foi cristal.
A velhice,
o primeiro sinal
de doença da alma,
às vezes contamina o corpo.
Nenhum pássaro
permite à morte dominar
o azul do seu canto.
Faz como eles: dança de ramo
em ramo.

Eugénio de Andrade,
Ofício de Paciência



Praia

Os pinheiros gemem quando passa o vento
O sol bate no chão e as pedras ardem.

Longe caminham os deuses fantásticos do mar
Branco de sal e brilhantes como peixes.

Pássaros selvagens de repente,
Atirados contra a luz como pedradas
Sobem e morrem no céu verticalmente
E o seu corpo é tomado nos espaços.

As ondas marram quebrando contra a luz
A sua fronte ornada de colunas.

E uma antiquíssima nostalgia de ser mastro
Baloíça nos pinheiros.

Sophia de Mello Breyner Andresen,
MAR - Antologia de Poemas sobre o Mar

Imaginação

A imaginação é magia e é arte
que nos faz inventar, sonhar e viajar.
Com imaginação podemos ir a Marte
ou ao centro da Terra, ou ao fundo do mar.

Com imaginação nunca estamos sozinhos.
A imaginação é um voo, um lugar
onde temos amigos, onde há outros caminhos
nos quais, sem te mexeres, podes ir passear.

Inventa uma cantiga, um poema, um desenho
um arco-íris, um rio por entre malmequeres;
esse lugar é teu, sem limite ou tamanho.
A esse teu lugar, só vai quem tu quiseres.

Rosa Lobato de Faria,
ABC das Coisas Mágicas em Rima Infantil

Loira

Eu descia o Chiado lentamente
Parando junto às montras dos livreiros
Quando passaste irónica e insolente,
Mal pousando no chão os pés ligeiros.

O céu nublado ameaçava chuva,
Saía gente fina de uma igreja;
Destacavam no traje de viúva
Teus cabelos de um louro de cerveja.

E a mim, um desgraçado a quem seduzem
Comparações estranhas, sem razão,
Lembrou-me este contraste o que produzem
Os galões sobre os panos de um caixão.
Eu buscava uma rima bem intensa
Para findar uns versos com amor;
Olhaste-me com cega indiferença
Através do lorgnon provocador.

Detinham-se a medir tua elegância
Os dandies com aprumo e galhardia;
Segui-te humildemente e a distância,
Não fosses suspeitar que te seguia.

E pensava de longe, triste e pobre,
Desciam pela rua umas varinas
Como podias conservar-te sobre
O salto exagerado das botinas.

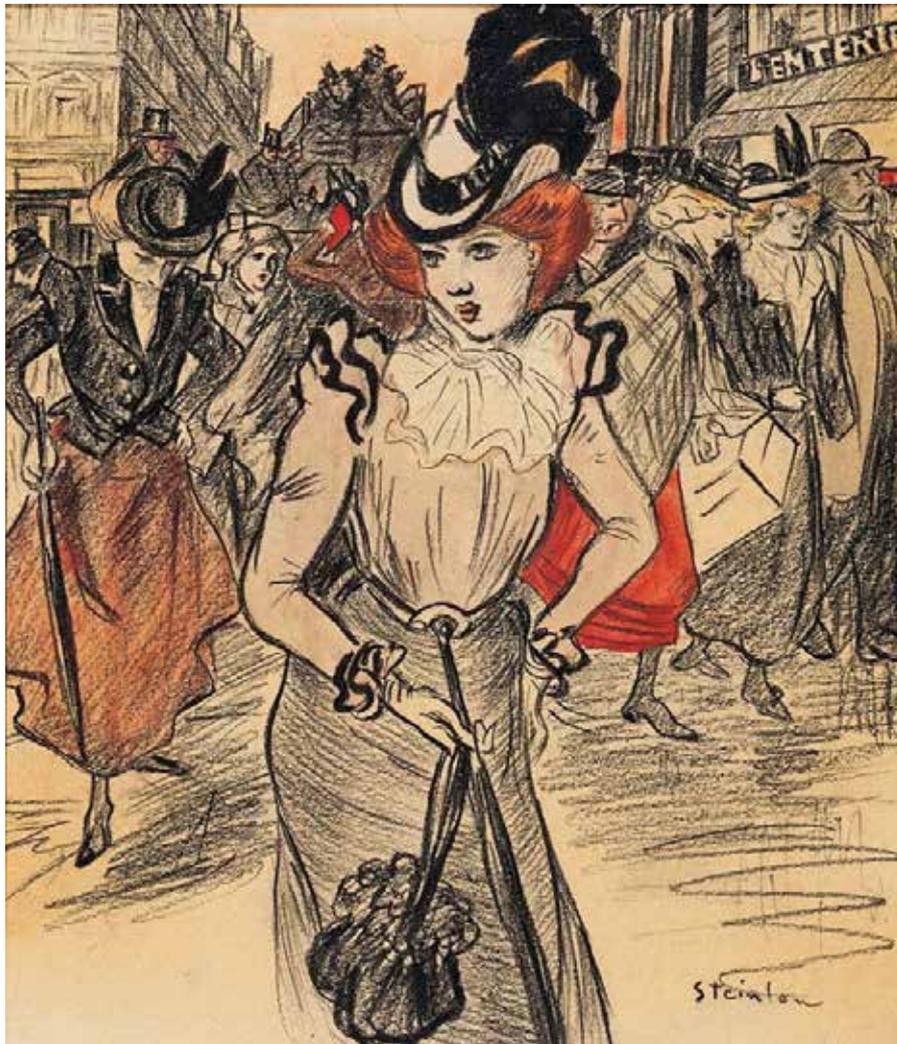
E tu, sempre febril, sempre inquieta,
Havia pela rua uns charcos de água
Ergueste um pouco a saia sobre a anágua
De um tecido ligeiro e violeta.

Adorável! Na ideia de que agora
A branda anágua a levantasse o vento
Descobrimo uma curva sedutora,
Cada vez caminhava mais atento.

Mas súbito parei, sentindo bem
Ser loucura seguir-te com empenho,
A ti que és nobre e rica, que és alguém,
Eu que de nada valho e nada tenho.

Correu-me pelo corpo um calafrio,
E tive para o teu perfil ligeiro
Este olhar resignado do vadio
Que fita a exposição de um confeitoiro.
Vi perder-se na turba que passava
O teu cabelo de ouro que faz mal;
Não achei essa rima que buscava,
Mas compus este quadro natural.

Cesário Verde,
O Livro de Cesário Verde



DIA MUNDIAL DO LIVRO

► No dia 28 de abril, pelas 15h30m, a Biblioteca da Fundação A LORD realizou mais uma sessão de comemoração do **Dia Mundial do Livro**.

A abrir, o Grupo LORDator apresentou a dramatização dos textos *As três abóboras*, *Olha o passarinho* e *Os 4 pés do trono*, de António Torrado.

Seguidamente, usaram da palavra o Presidente da

Fundação A LORD, Francisco Moreira da Silva, e o Vice-presidente da Câmara Municipal de Paredes, Dr. Francisco Leal, para anunciar e entregar os **Prémios de Mérito Escolar** atribuídos aos alunos do Agrupamento de Escolas de Lordelo que, no ano letivo 2016/2017, integraram o **Quadro de Mérito e Excelência**.



ALUNOS PREMIADOS

ALUNOS	ANO
FRANCISCA FERREIRA DE SOUSA	2º Ano
JOÃO PEDRO RIBEIRO DA SILVA HENRIQUES	2º Ano
LEONOR REBANDA LEAL	2º Ano
BEATRIZ DA COSTA CARVALHO	2º Ano
INÊS SOFIA ALVES MOREIRA	2º Ano
MARIANA FERREIRA COELHO	3º Ano
DUARTE COSTA CARNEIRO	3º Ano
AFONSO MOREIRA DAS NEVES	3º Ano
FRANCISCA CAMPANHÃ CARNEIRO	4º Ano
GONÇALO JOSÉ COELHO FERREIRA	4º Ano
LEONOR DA SILVA LEAL	4º Ano
RICARDO JORGE FERREIRA RIBEIRO	4º Ano
TOMÁS OLIVEIRA DA SILVA	4º Ano
BEATRIZ MACHADO NUNES	4º Ano
CATARINA ALVES BARROS	4º Ano
CRISTIANO FILIPE BARBOSA LOPES	4º Ano
DUARTE NEVES SILVA	4º Ano
FRANCISCA LEAL DE LAMAS SERRA	5º Ano
DIANA AUGUSTA CARNEIRO DIAS	5º Ano
BEATRIZ ALVES GOMES	5º Ano
FRANCISCA CARNEIRO DA SILVA	5º Ano
INÊS FERREIRA CARNEIRO	5º Ano
LEONOR COUTO MARTINS	5º Ano
RAFAELA NETO SILVA	5º Ano
TIAGO FILIPE VELOSO FERNANDES	5º Ano
TOMÁS ALVES CARNEIRO LEAL	5º Ano
NUNO RICARDO PACHECO SOUSA	5º Ano

CAROLINA MOREIRA LEITE	6º Ano
INÊS MARTINS RIBEIRO	6º Ano
MARIA JOÃO TORRES RODRIGUES	6º Ano
RICARDO DANIEL SILVA ALMEIDA	6º Ano
STEVEN GABRIEL ALVES SOUSA	6º Ano
ANA SANTOS SERRA	6º Ano
EDUARDO ALEXANDRE ANTUNES CORREIA	6º Ano
GUSTAVO SOUSA FERREIRA	6º Ano
JÉSSICA FILIPA SILVA SEABRA	6º Ano
JOÃO CARLOS CARNEIRO DE SOUSA	6º Ano
PEDRO MANUEL SANTOS GONÇALVES	6º Ano
FÁTIMA BEATRIZ DUARTE BRANDÃO	6º Ano
MARIANA DA SILVA MARTINS	6º Ano
MARIANA GRACINDA TEIXEIRA DIAS	6º Ano
JOÃO PEDRO PACHECO DIAS	7º Ano
TELMA ALÉXIA DA FONSECA NEVES	7º Ano
INÊS ALVES SANTOS	7º Ano
INÊS CUNHA DA SILVA	7º Ano
RAFAEL DA COSTA RIBEIRO	7º Ano
VÍTOR NUNO NOGUEIRA BARBOSA	7º Ano
FÁBIO FILIPE MARTINS SILVA	7º Ano
FILIPA RIBEIRO BARROS	7º Ano
FRANCISCO REBANDA LEAL	7º Ano
INÊS XIA	7º Ano
JOÃO PEDRO NOGUEIRA LÍRIO	7º Ano
LARA DE JESUS ALMEIDA VINHA	7º Ano
MARIA DE FÁTIMA RIOS SOUSA	7º Ano
RUI PEDRO MAGALHÃES BORGES	7º Ano

SARA ALEXANDRA MARTINS DA SILVA	7º Ano
LUÍSA PACHECO DA SILVA	7º Ano
RUI MIGUEL SOARES AMARAL CARNEIRO	8º Ano
BRUNA DANIELA ALECRIM DIAS	8º Ano
MARIA ESPERANÇA DA SILVA LOPES	8º Ano
ÂNGELA BEATRIZ RIB. SANTOS BARBOSA	8º Ano
MAFALDA DA SILVA CARVALHO	8º Ano
MARIA INÊS FERREIRA MARTINS	8º Ano
BRUNA NEVES FERREIRA	8º Ano
DANIELA FILIPA CARDOSO DA SILVA	8º Ano
EDUARDA CARNEIRO SILVA	8º Ano
FRANCISCA PINTO SANTOS	8º Ano
FRANCISCO MANUEL ALVES CARNEIRO LEAL	8º Ano
INÊS DUARTE OLIVEIRA CARNEIRO	8º Ano
INÊS LEAL DE LAMAS SERRA	8º Ano
LEONOR BARBOSA DA COSTA	8º Ano
RAFAELA GOMES BARBOSA	8º Ano
HELENA ISABEL COELHO MARTINS	9º Ano
JOANA DA COSTA FONSECA	9º Ano
ANA MARGARIDA MARTINS MOREIRA	9º Ano
BÁRBARA SUSETE DA SILVA ALVES	9º Ano
BEATRIZ PINTO FERNANDES	9º Ano
DIOGO RAFAEL PACHECO FERREIRA	9º Ano
FILIPA MANUELA GONÇALVES FERREIRA	9º Ano
GIL PEDROSA AMARAL CARNEIRO	9º Ano
ABEL FILIPE MOREIRA BARBOSA FERREIRA	9º Ano
BÁRBARA MARIA TORRES PINHO	9º Ano
MARTA FILIPA MENDONÇA LEÃO	9º Ano

RAQUEL ALVES PACHECO	9º Ano
BEATRIZ DA SILVA RODRIGUES	10º Ano
BEATRIZ NOGUEIRA BARBOSA	10º Ano
MARCOS DANIEL DA SILVA TAIPA DE SOUSA	10º Ano
DANIELA RITA RIBEIRO DA CUNHA	11º Ano
HENRIQUE DA SILVA FERREIRA	11º Ano
JOSÉ LUÍS DA SILVA RODRIGUES	11º Ano
MARIA LAURINDA OLIVEIRA NUNES	11º Ano
ANA CRISTINA MOREIRA DIAS	12º Ano
DÉBORA REGINA RIBEIRO MOREIRA	12º Ano
JOSÉ RIBEIRO BALTAR	12º Ano
MARIA MIGUEL VIANEZ COUTO MIEIRO	12º Ano
PATRÍCIA ALEXANDRA FRANÇA DIAS	12º Ano
VÍTOR DANIEL PACHECO DIAS	12º Ano
ISABEL JOÃO DA SILVA CARNEIRO FERREIRA	12º Ano

Todos receberam um diploma e um cheque-prenda.

A terminar a sessão, o momento alto da entrega do Prémio Distinção A LORD, que visa distinguir os lordelenses que se destaquem pelo mérito do seu trabalho. Este ano, recebeu este prémio o Dr. Ângelo Neto, primeiro lordelense licenciado em Medicina.



DIA INTERNACIONAL DO LIVRO INFANTIL

► Para celebrar este dia, esteve entre nós a escritora Raquel Patriarca.

Ao encontro, não faltaram os meninos do pré-escolar da Escola Básica n.º 1 de Lordelo e os alunos do 2.º ano da Escola Básica n.º 2 de Lordelo.

Na primeira sessão, a escritora deliciou os mais pequeninos com as histórias *A Abelha Zarelha* e *A Barata Patarata* e o *Escaravelho Trolaró*, escritas para a faixa etária dos Pré-Leitores e integradas no Plano Nacional de Leitura.

Na segunda sessão, a autora, que é também historiadora, apresentou o seu livro *Era Uma vez o Porto*, título que integra, desde 2017, as listas do **Plano Nacional de Leitura**. É um livro para todas as idades que narra a história de uma cidade, desde o tempo remoto em que primeiros povos escolheram este espaço como seu, para ocupar e viver, até aos dias de hoje. Depois, a escritora leu um excerto que conta a história de uma entre várias personagens históricas que vieram habitar e transformar a cidade.

Na hora da despedida, os livros apresentados viajaram com as crianças para as bibliotecas das respetivas escolas, numa oferta da Biblioteca da Fundação A LORD.



ENCONTRO COM A ESCRITORA MANUELA RIBEIRO

► Autora de poemas e de histórias infantojuvenis, Manuela Ribeiro esteve na nossa biblioteca, no dia 12 de março.

Interessados e atentos, participaram no encontro com a escritora alunos do 2.º ciclo da Escola Básica e Secundária de Lordelo e meninos do 3.º e 4.º anos da Escola Básica n.º 2 desta cidade.

Houve lugar a uma “viagem” pelos livros da escritora, a perguntas e respostas sobre a sua obra e, finalmente, aconteceu o momento mais desejado em que reinou o silêncio total: ouvir um conto pela voz da própria autora.

A terminar o encontro, alguns minutos de convívio animado durante a realização de uma sessão de autógrafos.

Na despedida, as escolas participantes levaram livros autografados para as respetivas bibliotecas, numa oferta da Biblioteca da Fundação A LORD.



FEIRA DO LIVRO

► De 21 de maio a 2 de junho, realizou-se a habitual **Feira do Livro**, com aliciantes propostas de leitura e variadas atividades dirigidas ao público escolar.

Estes encontros com os livros e as suas histórias são fundamentais pelas mensagens transmitidas, bem como pelos “jogos” que estabelecem com as crianças que, assim, podem também descobrir a função lúdica da leitura.

Neste sentido, as **Histórias de Encantar**, apresentadas diariamente, deliciaram os meninos dos infantários de Lagar - Vandoma, de Ilha - Valongo, da EB1 N.º 1 e EB1 N.º 2 de Lordelo e os meninos e meninas da Creche ADR - Rebordosa.

À saída, a visita à exposição dos livros da feira foi sempre oportunidade para bons momentos de convívio.

Para a promoção da leitura e dos livros enquanto objetos educativos e recreativos, o contacto com os escritores é sempre relevante. Este ano, recebemos a escritora e psicóloga **Susana Amorim**. Os seus livros e as suas histórias, constituem, junto das crianças, dos jovens, dos professores e dos pais, um meio privilegiado de passar a sua mensagem no âmbito da Educação Emocional.

Amor e Eu Quero, Posso e Consigo! Dominar o Medo são os títulos dos livros e das histórias contadas aos meninos do 1.º ciclo da EB1 N.º 1 e EB1 N.º 2 de Lordelo em duas sessões, em que ressaltou a interatividade com as crianças presentes.

A Biblioteca da Fundação A LORD ofereceu exemplares dos livros apresentados às escolas participantes.





No âmbito do projeto **Do Livro para o Palco**, os alunos do 2.º ciclo do Agrupamento de Escolas de Lordelo assistiram à representação da peça **Ali Babá e os 40 Ladrões** pelo grupo teatral Atrapalharte.

Este conto está entre as leituras recomendadas para o 6.º ano de escolaridade. Todos os que assistiram a este fantástico espetáculo vibraram com as aventuras do **Ali Babá e os 40 Ladrões** na interpretação bem humorada dos atores da Atrapalharte.

VISITA CULTURAL: COIMBRA

O património cultural da cidade dos estudantes

► No dia 15 de setembro, realizou-se mais uma visita guiada organizada pela Biblioteca, este ano, ao património cultural de Coimbra.

Feita a entrada na cidade pela Rua da Sofia onde se encontram vários colégios e conventos quinhentistas, rumou-se à Alta da Coimbra para dar início à visita da Universidade.

Os participantes puderam apreciar a beleza artística e monumental do Pátio das Escolas, da Biblioteca Joanina e do antigo Paço Real onde se destacam a Sala de Armas, a Sala dos Capelos e a Sala do Exame Prévio.

Depois, da varanda deste edifício, foi tempo de apreciar a bela vista panorâmica de Coimbra.

Deixando a Universidade em direção à baixa da cidade, teve início o passeio pelo centro histórico, com passagem pela Sé Velha, escadas do Quebra-Costas e Porta de Almedina.

Após uma pausa retemperadora para almoço, a tarde iniciou-

-se com a visita do Mosteiro de Santa Clara a Velha, fundado pelas freiras clarissas, no século XIII, e cuja igreja foi consagrada, em 1330, pela Rainha Santa Isabel, padroeira de Coimbra.

As inundações frequentes deste mosteiro, provocadas pelo rio Mondego, justificaram a transferência das clarissas para o Mosteiro de Santa Clara a Nova, erguido no século XVII. Este miradouro privilegiado da cidade foi o último monumento visitado nesta jornada a Coimbra.

O Mosteiro impõe-se na paisagem da margem ocidental da cidade, onde se cultua, de forma muito intensa, a Rainha Santa Isabel. Na igreja, guarda-se, no retábulo da capela-mor, a urna de prata e cristal, do séc. XVII, onde é venerado o corpo daquela rainha de Portugal.

A terminar, a referência, sempre pertinente, à disponibilidade e ao profissionalismo do nosso guia, Daniel Afonso.



XVIII ATELIÊ DE OLARIA

► Em fevereiro, como habitualmente, realizou-se o **Ateliê de Olaria**, dinamizado pela mestre oleira Maria Fernanda Braga.

As manhãs dos dias 1, 8, 15 e 22 foram dedicadas às crianças dos Jardins de Infância do Agrupamento de Escolas de Lordelo que, através da criação de várias bolinhas de barro, deram largas à imagina-

ção e criaram várias peças diferentes - borboletas, lagartas, flores, etc.

Nas sessões da tarde, participou um grupo de 26 senhoras que executaram um porta velas em forma da flor de lótus. Primeiro desenharam e elaboraram a peça, e na última sessão, depois da peça cozida, fizeram a decoração final.



XVIII ANIVERSÁRIO DA BIBLIOTECA XXII ANIVERSÁRIO DA FUNDAÇÃO A LORD

► A Fundação A LORD e a sua Biblioteca celebraram mais um aniversário e o Auditório da Fundação voltou a receber todos os que quiseram associar-se a esta comemoração, realizada no dia 1 de dezembro.

Abriu a sessão o grupo de utentes séniores da Cooperação que apresentou uma peça de teatro baseada na história "A galinha preta", seguida de um momento musical.

Seguiu-se a atuação do grupo de teatro LORDator que, este ano, apresentou a peça "Eu+Tu=Nós", da autoria de Eugénia Gonçalves.

A encerrar a sessão e pelo Conselho de Administração da Fundação A LORD, Francisco Moreira da Silva tomou a palavra para saudar todos os presentes e relevar a ação interventiva desta instituição no desenvolvimento cultural de Lordelo, reafirmando o seu propósito de continuar a agir em prol da valorização social e cultural do concelho.

A terminar, o público presente foi convidado a cantar os parabéns às aniversariantes e a provar o bolo de aniversário, em agradável momento de convívio.



DO LIVRO PARA O PALCO

ESPETÁCULOS DE TEATRO

► Numa iniciativa que visa a promoção do teatro, como arte do espetáculo, junto do público escolar de Lordelo, e o apoio ao programa curricular da disciplina de Língua Portuguesa/Português, a Biblioteca da Fundação A LORD promoveu, este ano, a realização de três espetáculos a cargo da companhia teatral Atrapalharte, de Coimbra.

Este projeto, desenvolvido em parceria com o Agrupamento de Escolas de Lordelo, tem como objetivo facilitar a interpretação dos textos literários de leitura recomendada nos diferentes ciclos de estudo.

Em fevereiro, os alunos do 10.º ano assistiram à dramatização da **Farsa de Inês Pereira** de Gil Vicente.



Durante a realização da Feira do Livro, os alunos do 2.º ciclo do Agrupamento de Escolas de Lordelo assistiram à representação da peça **Ali Babá e os 40 Ladrões**.

Com o ano letivo quase a terminar, foi a vez dos meninos do 1º ciclo virem ao teatro.

A partir das obras *As Três Abóboras* de António Torrado e *Sábios como Camelos* de José Eduardo Agualusa, a Atrapalharte cons-

truiu **3 ABÓBORAS E 400 CAMELOS**, duas peças que ensinam aos mais novos a importância da generosidade e ajuda ao próximo e suscitam a reflexão sobre os valores do Bem e da Justiça.

Especializada em teatro pedagógico, a Atrapalharte fascina os seus espectadores, representando com arte e humor.

A rir, também se aprende.



NOVO ANO, NOVIDADES NA BIBLIOTECA!

Muitos homens iniciaram uma nova era na sua vida a partir da leitura de um livro.

Henry David Thoreau

► Sendo as Bibliotecas centros privilegiados de informação, que deve ser acessível a qualquer pessoa e em qualquer lugar, em 2018, iniciamos uma nova etapa nesta missão.

Assim, fazendo uso das novas tecnologias, passamos a disponibilizar, a todos os leitores interessados, o **Catálogo Online** da Biblioteca da Fundação A LORD.

À distância de um clique, este catálogo disponibiliza a coleção da nossa Biblioteca. Através dele, poderá fazer pesquisas online, conhecer as novidades, efetuar a reserva de um documento ou renovar um empréstimo atual.

Consulte a informação presente na página do **Catálogo Online** ou solicite mais informação na Biblioteca e comece já a usufruir deste serviço.

O NOSSO BLOGUE

O Blogue da Biblioteca da FUNDAÇÃO A LORD (<http://bibliotecadafundacaoalord.blogspot.pt/>) abre para a divulgação cultural, desde as notícias sobre as atividades dinamizadas pela Biblioteca até à informação sobre efemérides e acontecimentos relevantes de caráter nacional e internacional, proporcionando, ainda, o acesso a serviços como a consulta de um dicionário ou de um jornal, uma lista de sítios com interesse e sugestões de leitura, as aquisições mais recentes.

O NOSSO CATÁLOGO online

Esta interface permite consultar o catálogo e obter informações acerca dos exemplares e a localização dos documentos e conhecer as novidades e sugestões da biblioteca. No caso de um utilizador registado, faculta o acesso aos serviços de reserva e renovação de documentos. Mais informações, no regulamento da biblioteca.

<http://falord.ddns.net/Opac/Pages/Help/Start.aspx>



Cooperação



Pôr em ação iniciativas que vão ao encontro de questões sociais prementes, para construir possibilidades transformadoras.

ATELIÊS

► **Oportunidades para vivenciar experiências diversificadas e concretizar tarefas que vão ao encontro dos interesses dos participantes.**

ARTES MANUAIS

Eugénia Gonçalves

► Os ateliês de artes manuais tiveram como objetivo trabalhar com a comunidade, empregando diversos materiais e novas técnicas.

Neste sentido, foram realizados alguns trabalhos: decoração de garrafas, caçador de sonhos, telhas decoradas com técnica *découpage*, chávenas em eva com flores, entre outros.

Com estes trabalhos artesanais pretende-se estimular a mente e soltar a imaginação dos participantes.



CULINÁRIA

Ana Ferreira

► Os ateliês de culinária para seniores têm como objetivo proporcionar a confeção de bolos simples. Durante este ateliê, houve oportunidade de conhecer novos ingredientes e sabores e de realizar uma atividade lúdico-pedagógica interessante e estimulante que contribuiu para o desenvolvimento de competências pessoais e sociais.

Partilhar receitas, confeccionar diferentes produtos, saborear as delícias confeccionadas, desfrutar de momentos de convívio continua a ser a justificação da existência destes ateliês de culinária.

EXERCÍCIOS DE RELAXAMENTO

Eugénia Gonçalves

► Atualmente, o stress e a pressão do tempo invadem a vida das pessoas. É necessário descontraír!

A prática de exercícios garante uma vida mais tranquila, promove uma melhor saúde física e emocional. Os exercícios de relaxamento podem ser uma excelente opção para quem procura uma melhor qualidade de vida através de uma atividade leve e prazerosa.

Procura-se, assim, manter uma mente sã num corpo sã!



EXPRESSÃO DRAMÁTICA

Eugénia Gonçalves

► O teatro, que é uma simples representação, pode transmitir conhecimentos e proporcionar alegrias.

Os ateliês de teatro são desenvolvidos como uma terapia para estimular a mente e o conhecimento pessoal e de grupo. A partilha de experiências permite o entretenimento. Quando o sénior representa, liberta uma série de emoções, superando estados de tensão. Por isso, devemos dar mais valor às coisas simples da vida, tais como o teatro e o convívio.

No dia 27 de março, uma parte do grupo de teatro participou na **Comemoração do Dia Mundial do Livro**, no Centro Social e Paroquial de Sanfins de Ferreira, com as seguintes atividades: Contos e mitos sobre Lordelo; narração das histórias “A bela Infanta” de Almeida Garrett e “O que é o Natal” de Rosa Prudêncio; declamação dos poemas “Tudo ou nada” de Tati Bernardi, “Meu melhor presente” de Mirian Wartusch, “Posso ter defeitos” de Augusto Cury, “Mãe” e “História Antiga” de Miguel Torga. Houve, ainda, oportunidade de se assistir a um momento musical.

Esta troca de experiências divertidas alegraram todos os presentes.

No dia 1 de dezembro, o grupo participou nos festejos do **Aniversário da Fundação e da Biblioteca** com a peça “A Galinha Preta” de autor desconhecido. A peça fala-nos de um rei que gostava muito de ovos, por isso, possuía um galinheiro real, onde todas as galinhas eram brancas e iguaizinhas e os ovos também eram todos brancos, redondos e branquinhos. Até que um dia apareceu, no galinheiro, uma galinha preta que colocava ovos de diferentes formatos e cores. As galinhas que eram iguaizinhas não gostaram da galinha preta nem dos seus ovos tão diferentes. Que pensaria o rei?

Resolveram, então, escondê-la. Mas, no dia da recolha, o funcionário real ouviu uma galinha a chorar e foi ter com ela. Era a galinha preta. Levou os seus ovos ao rei. Ele gostou tanto dela que a convidou para viver no castelo. E a galinha preta que até então só chorava, agora, ria de alegria. E as outras galinhas iguaizinhas continuaram os seus dias a colocar ovos iguaizinhos, no galinheiro.



VISITA CULTURAL AO PALÁCIO DE S. BENTO

Eugénia Gonçalves

► No âmbito das atividades culturais da Fundação ALORD, no dia 16 de julho, realizou-se uma visita ao Palácio de S. Bento com o grupo sénior.

Foi uma visita guiada em que houve a explicação de vários elementos que fazem parte do Palácio de S. Bento - sede do Parlamento Português.

A visita começou pelo Claustro do Palácio, seguiu-se a escadaria nobre que possui um candeeiro com o peso de 1191 kg e com 144 lâmpadas. A Sala do Senado e o Salão Nobre, construídos no período do Estado Novo, são dedi-

cados à temática da expansão marítima portuguesa. Na Sala dos Passos, o leão, que simboliza o poder, a justiça e a força, é uma das esculturas mais representadas. Na Sala das Sessões é onde se reúne a comissão permanente.

O Palácio de S. Bento foi, até 1833, um mosteiro que serviu de prisão, refúgio, depósito de destroços militares, academia militar e residência patriarcal.

No final, foi feita uma rápida visita à exposição, "Ideais de Liderança" com obras-primas das coleções do Museu Aga Khan.



ATIVIDADES NAS FÉRIAS

Eugénia Gonçalves

Páscoa

▶ A Fundação A LORD realizou as atividades, **Férias da Páscoa**, para ocupar o tempo livre das crianças.

Através de trabalhos manuais, confeccionaram-se: coelhos de chocolate, postais *pop-up*, porta-bombons, corujas, molduras de flores, entre outros. Houve, também, oportunidade de assistir a

sessões de cinema: “Bailarina” e “Capitão Cuecas”.

Assim, proporcionou-se um ambiente de convívio agradável, onde as crianças desenvolveram algumas capacidades como concentração e criatividade.



Verão

▶ A Fundação A LORD realizou, entre os meses de junho e julho, as **Atividades Férias de Verão**, gratuitas, com o objetivo de ocupar as crianças no tempo de férias. Entre as atividades salientaram-se os trabalhos manuais, visitas culturais e sessões de cinema. Assim, executaram-se em trabalhos manuais: caixas de madeira decoradas, marcadores de livros, pinturas em tela, cones com bolas, porta-velas, chinelos decorativos, flores 3D, entre outros. Nas sessões de cinema foram visualizados os filmes: “Que família esta”, “Ferdinando” e “Coco”.

No dia 26 de junho, visitou-se a fábrica de bolachas Paupério, em Valongo. Antes do grupo entrar na fábrica foram explicadas as regras de segurança da mesma. Todos tiveram que colocar rede no cabelo e sapatilhas de plástico nos pés. Durante a visita foi explicado o processo de fabrico de vários tipos de bolachas. Assistiu-se, também, ao fabrico de marmelada e ao seu modo de embalagem. Foi, ainda, possível provar as bolachas.

No final, todas as crianças receberam um pacote de bolachas de chocolate. Ficaram deliciosas!

Durante o verão, fez-se uma visita ao quartel dos Bombeiros Voluntários de Lordelo (BVL) onde as crianças ficaram a conhecer as ambulâncias e os equipamentos usados no socorro aos doentes, carros de bombeiros e todo o material de combate aos incêndios. Visitou-se, também, a central onde se encontram todos os dispositivos de comunicação.

No final, os bombeiros prepararam uma atividade desportiva, rapel, que todos adoraram.

Numa segunda visita aos BVL, estes proporcionaram às crianças outra atividade divertida, um banho de espuma.

Deste modo, as crianças compreenderam a importância do trabalho dos bombeiros voluntários na vida da comunidade.



Natal

▶ Com a proximidade da época festiva, o Natal, e como vem sendo habitual, o departamento Cooperação da Fundação A LORD dinamizou algumas atividades para os mais novos.

Estes realizaram pequenos trabalhos relativos à época, tais como: aros com flores, bonecos de neve, frascos

decorados, pinheiros de Natal e bolachas húngaras. Deste modo, deu-se espaço à imaginação e criatividade de cada criança.

Houve, ainda, oportunidade de visualizar os filmes: “Hotel Transilvânia 3” e “Príncipe Bué Encantado”.



COMEMORAÇÃO DO DIA MUNDIAL DOS AVÓS

Ana Ferreira

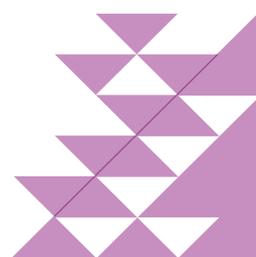
► Realizaram-se alguns eventos e atividades para celebrar o **Dia Mundial dos Avós**. Pretendeu-se prestar homenagem e demonstrar carinho e apreço a todos os avós. Neste sentido, e a exemplo de anos anteriores, a Fundação A LORD preparou uma pequena festa para festejar o acontecimento.

Assim, um grupo de crianças, que frequenta-

ram as atividades de verão, recitaram frases.

Apresentou-se um pequeno vídeo com o testemunho das crianças e uma pequena demonstração de canto e dança com a turma de *hip-hop* da Fundação A LORD.

No final, cantou-se os parabéns aos avós, houve bolo para todos e oferta de porta-chaves, feitos pelas crianças, e uma *t-shirt* da Fundação A LORD.



COMEMORAÇÃO DO DIA DE SÃO MARTINHO

Eugénia Gonçalves

► No dia 7 de novembro, pelas 14h30, comemorou-se o **Dia de São Martinho**, num convívio divertido com música para alegrar.

As castanhas assadas foram acompanhadas por petiscos e água-pé.

Aproveitou-se o dia festivo para dinamizar o grupo, mostrando os dotes de dança de cada um dos participantes.



COLÓNIA DE FÉRIAS

Ana Ferreira

► Com a chegada do verão e das férias chega também um desafio para grande parte dos pais - saber o que fazer com as crianças. Apetecidas por uns, temidas por outros, as férias chegam com aviso prévio, o suficiente para que os pais possam pensar como vão ocupar os tempos livres dos filhos que até agora estiveram todo o dia na escola.

A Fundação A LORD tem uma excelente alternativa - realiza a tão esperada colónia de férias. A semana escolhida para o efeito foi de 2 a 6 julho, na praia da Apúlia, em

Esposende. Durante 5 dias, estas crianças realizaram muitas brincadeiras: apanhada, jogos de futebol, construções na areia, tomaram "banhos" de sol, etc.

Apesar do tempo nos ter pregado uma partida, foi uma semana bastante divertida.

No último dia, as crianças puderam saborear um gelado oferecido pelo Presidente da Fundação, Francisco Moreira da Silva.



VISITAS CULTURAIS

Célia Sousa

▶ Ao longo de 2018, a Fundação A LORD, em parceria com a Cooperativa de Electrificação A LORD, CRL, realizou diversas visitas culturais pelo Norte e Centro de Portugal.

Visitou-se o Museu Judaico, em Belmonte; Museu Fundação Manuel Cargaleiro, em Castelo Branco; Museu Abade de Baçal, em Bragança; Mosteiro de Santa

Clara-a-Velha, em Coimbra; Assembleia da República, em Lisboa; Coimbra Histórica; Miranda do Douro, no distrito de Bragança.

Deste modo, as pessoas de Lordelo e freguesias limítrofes, que participaram nestas visitas guiadas, enriqueceram os seus horizontes culturais.



NATAL, TEMPO DE PARTILHA!

Ana Ferreira

▶ O Natal chegou e com ele a alegria e a paz. É a época mais mágica do ano, sobretudo para as crianças! Sente-se o amor no ar e a felicidade no rosto das pessoas que têm oportunidade de conviver com os que mais amam.

A exemplo dos anos anteriores, a Fundação presenteou as crianças, professores e auxiliares das escolas do Agrupamento de Lordelo com um porta-lápis e uma caixinha de lápis de cor, lembrando esta quadra festiva.

GABINETE DE APOIO AO DOENTE

Célia Sousa

▶ Como vem sendo habitual, a Fundação A LORD tem disponibilizado à população de Lordelo vários artigos ortopédicos entre eles: camas articuladas, colchões e cadeiras de rodas. Assim, a Instituição cumpre uma das suas funções sociais, satisfazendo algumas das necessidades dos mais vulneráveis.

LORDELO SOLIDÁRIO

Célia Sousa

▶ O projeto Lordelo Solidário, no ano de 2018, concretizou os seus objetivos ajudando com bens alimentares as famílias mais carenciadas de Lordelo.

Mensalmente, foram beneficiadas 61 famílias num total de cerca de 156 pessoas.

A iniciativa contou com a parceria de várias instituições de Lordelo e da Câmara Municipal de Paredes.

CEDÊNCIA GRATUITA DO AUTOCARRO

Célia Sousa

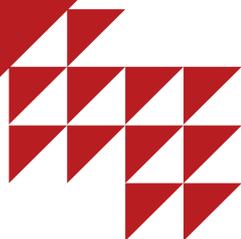
▶ No ano de 2018, como tem vindo a acontecer em anos anteriores, a Fundação A LORD e a Cooperativa de Electrificação A LORD, CRL cederam, gratuitamente, o autocarro a algumas instituições sociais de Lordelo para as ajudar a concretizar as várias atividades que desenvolveram fora da cidade.

Escola de Artes

A collage of artistic elements including musical notation, a pencil, a violin, and white masks on a wooden background. The image is divided into several geometric sections by diagonal lines. The top-left section is red and contains the title 'Escola de Artes'. The background is a wooden surface. In the upper left, there are sheets of musical notation. A pencil lies diagonally across the middle. In the lower left, the body of a violin is visible. In the lower right, two white, featureless masks are shown in profile, one slightly behind the other.

Um espaço onde é possível integrar experiências cognitivas, despertar potencialidades artísticas, no campo da música, da dança e do teatro, que poderão construir retaguardas revitalizadoras a nível cultural.

CLUBE DE TEATRO



LORDATOR

Eugénia Gonçalves

► No dia 27 de março, na **Comemoração do Dia Mundial do Livro** no Centro Social e Paroquial de Sanfins de Ferreira e a convite do mesmo, o grupo LORDator foi apresentar a peça “Um homem sem sorte”. Esta fala-nos de um homem que achava que tinha nascido sem sorte e resolveu ir procurar o Criador para lhe dar a sua sorte. Pelo caminho encontrou um lobo muito fraco, uma árvore toda curvada e uma jovem que se sentia sozinha. Todos lhe pediram para perguntar ao Criador a solução para os seus problemas. O homem encontrou-O e Este disse que a sorte dele andava por ali, ele só tinha de estar mais atento. Mandou a solução para o problema do lobo, da árvore e da jovem. Então o homem encontrou a jovem e disse-lhe que tinha de procurar um rapaz e que o rapaz teria imensa sorte com ela. O problema da árvore era um tesouro que estava debaixo das raízes e o do lobo era a fome. O homem não se deu conta que tinha passado pela sua sorte e desperdiçou-a. Acabou por ser comido pelo lobo.

Uma peça cômica e com uma grande lição de vida!

No dia 28 de abril, o grupo de teatro LORDator apresentou as peças “As três abóboras”, “Olha o passarinho”, “Os quatro pés do trono” de António Torrado, inseridas na Comemoração do **Dia Mundial do Livro**, no Auditório da Fundação A LORD.

A primeira peça fala-nos da história de um camponês que cultivava abóboras com muito empenho e carinho.

Um dia, apareceu um mendigo que queria metade das abóboras. Como elas eram três, o camponês partiu uma e de dentro da abóbora saiu um tesouro. O emissário do rei ouviu falar das abóboras



mágicas e contou ao rei o sucedido. O rei, juntamente com os seus guardas, foi confiscar as abóboras ao camponês e deu-lhe, em troca, mais terreno. O camponês aceitou a troca, mas os guardas, ao pegarem nas abóboras para as levarem ao castelo, não conseguiram transportá-las. O rei pediu ao camponês que as abrisse e este fê-lo com muita facilidade. Afinal, eram abóboras normais! O rei voltou para o castelo muito indignado com o emissário e o camponês ficou assim com mais campo para cultivar as abóboras. O mendigo voltou... Era um mago das abóboras que iria estar sempre perto para as cuidar...

A segunda peça fala-nos de um fotógrafo, Alípio Pio Passarinho, que tirava todo o tipo de fotografias com muita arte. Todos os seus clientes tinham um requisito a cumprir, tinham de sorrir. Caso não acontecesse, ele tudo fazia para sorrirem.

No final, todos os seus clientes ficavam com lindas fotos a sorrir.

A terceira peça fala-nos de um trono que tinha os pés tortos e o rei, ao verificar o defeito, mandava os cortesãos "limpa-pó" arranjar-lo. Mas, cada vez que ele vinha da oficina voltava sempre com o mesmo problema - os pés estavam sempre tortos. Até que, de tantas vezes ir para arranjar, o trono ficou tão pequeno que deixou de ser trono. O rei passou a sentar-se num banco e gostou imenso. Os cortesãos ficaram muito tristes, pois não iriam limpar mais o pó ao trono.

No dia 1 de dezembro, o grupo LORDator apresentou, na **Celebração do Aniversário da Fundação A LORD e da Biblioteca da Fundação A LORD**, um espetáculo de teatro com a peça "Eu+Tu=Nós" de Eugénia Gonçalves.

A peça fala-nos de várias situações do quotidiano: um jantar de família, uma conversa de amigos, assistir à televisão, tirar fotos e outras. As mesmas cenas são apresentadas em dois momentos, no presente e no passado.

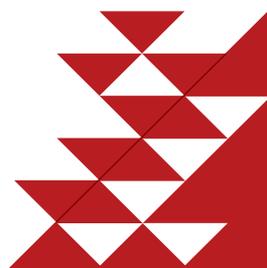
Numa conversa informal entre mãe e filha, estas vão comparando e comentando as situações em diferentes períodos. O mais importante é mostrar como as novas tecnologias avançaram em poucos anos e como influenciaram a maneira de viver das pessoas.

Uma comédia divertida que une duas gerações! No final realizou-se uma dança contemporânea.

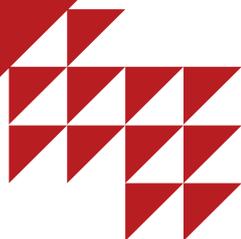
O público reagiu de uma forma muito positiva e divertida.

No dia 16 de dezembro, o grupo LORDator foi convidado para animar a **Festa de Natal dos Bombeiros Voluntários de Lordelo**. Os festejos iniciaram-se com jogos pedagógicos para as crianças e pais, seguindo-se a apresentação da peça "O homem sem sorte".

Para finalizar, realizou-se um jogo de magia com as crianças e bombeiros e cantou-se músicas de Natal.



ESCOLA DE DANÇA



BALLET CLÁSSICO

Ana Cristina Silva



► No ano de 2018, para além das aulas semanais de ballet, realizaram-se as seguintes atividades: aulas abertas, no mês de fevereiro, onde as alunas tiveram a oportunidade de mostrar à família e amigos o trabalho desenvolvido nos meses anteriores; espetáculo de ballet, no dia 21 de junho, inserido na **Audição Final da Escola de Dança da Fundação A LORD**.

O ano letivo 2018/2019 iniciou-se com 4 turmas, segundo os programas **Royal Academy of Dance (RAD)**. Teve-se a preocupação de apresentar um conteúdo programático adaptado à idade e à capacidade técnica das alunas de cada nível.

Durante este ano letivo vão ser realizadas as aulas abertas e o espetáculo de final de ano. A novidade, relativamente aos anos anteriores, está na realização dos exames RAD, que terão lugar no mês de maio de 2019. O exame consistirá numa avaliação prática com um examinador estrangeiro. Será uma experiência para as alunas que terão a oportunidade de conhecer um espaço novo, novas colegas e toda a envolvimento e formalidades dos exames RAD. Além disso, será a etapa final e o objetivo para o qual as alunas trabalharão todo o ano.



HIP HOP

Paula Rodrigues

► O *Hip-Hop* nasceu nos Estados Unidos da América, num bairro chamado Bronx no início dos anos 70, pela mão de Afrika Bambaataa a quem chamamos o “padrinho” do *Hip-Hop*.

É considerada uma cultura e por isso constituída por vários elementos: **Rap, Mc, Grafiti, Dj e B-boying**. Este último diz respeito ao estilo de dança original desta mesma cultura, do qual foram surgindo outros, entre eles o *Hip-Hop party steps* que é considerada a “New School” deste estilo de dança.

Este é o estilo lecionado nas aulas de *Hip-Hop* da Fundação A LORD que decorrem todas as quartas-feiras, das 20h30 às 21h30, na Escola de Dança desta Instituição.

A turma é constituída por crianças e adolescentes de várias idades existindo um excelente espírito de partilha e entreaduda entre eles.

O objetivo destas aulas é o desenvolvimento técnico e artístico do estilo em questão através de coreografias e exercícios específicos, tanto de execução técnica como de criação e improvisação.

Com os conteúdos aprendidos nas aulas são criados alguns excertos coreográficos para que possam ser apresentados em eventos e espetáculos adequados. Durante o ano 2018, a turma esteve presente num evento comemorativo do **Dia Mundial da Dança** realizado pela Câmara Municipal de Carrazeda de Ansiães, o qual contou com cerca de 300 participantes e de 600 espectadores. Para além deste, a turma de *Hip-Hop* da Fundação A LORD fez também parte das comemorações do **Dia Mundial dos Avós** na freguesia de Lordelo.

No final do ano letivo, e como forma de encerramento das atividades, a Escola de Dança da Fundação organizou também um espetáculo onde todas as turmas apresentaram os seus trabalhos.



DANÇAS DE SALÃO

Hugo Romano

“A Dança é, na minha opinião, muito mais do que um exercício, um divertimento, um ornamento, um passatempo social; na verdade, é uma coisa até séria e, sob certo aspeto, mesmo, uma coisa sagrada. Cada era que compreendeu a importância do corpo humano, ou que, pelo menos, teve a noção sensorial de sua estrutura, de seus requisitos, de suas limitações e da combinação de genialidade que lhe são inerentes, cultivou, venerou a Dança.”

Paul Valéry

► Dançar é a atividade mais natural que conhecemos e traz consigo muitas vantagens: desenvolve a coordenação mental e motora; favorece uma boa postura, ensina boas maneiras; tonifica o corpo e promove a autoconfiança.

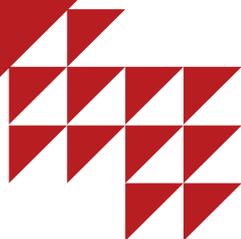
A dança social é praticada por homens e mulheres, em pares, realizada com acompanhamento musical, em ocasiões comemorativas e seculares, incluindo uma variedade de passos que podem ser combinados à vontade por cada casal ou em pequenas coreografias.

Atualmente, as **Danças de Salão** decorrem na Fundação A LORD, às quintas-feiras, das 20:30 horas às 22:00 horas. Nesta turma, o objetivo é o ensino das dez danças: a **valsa lenta** (valsa inglesa), o **tango internacional**, a **valsa vienense**, o **foxtrot**, o **quickstep**, o **samba**, o **chachachá**, a **rumba**, o **pasodoble** e o **jive**.

A turma apresentou o trabalho desenvolvido durante o ano no final do ano letivo, dia 21 de junho, numa demonstração pública, com 200 pessoas.

Porque quem Dança... é muito mais Feliz!

ESCOLA DE MÚSICA



UM CONTRIBUTO PARA A EDUCAÇÃO MUSICAL

Rui Leal

► Em outubro de 2013, a par da criação da Orquestra da Fundação A LORD, a Escola de Música reiniciou a sua atividade com cerca de 9 alunos, com idades compreendidas entre os 4 e os 13 anos, distribuídos pelas classes de **Flauta, Piano, Guitarra e Saxofone**.

No presente ano letivo, a escola apresenta cerca de 40 alunos, dos 5 aos 60 anos, repartidos pelas classes de **Flauta, Piano, Guitarra, Saxofone, Cavaquinho, Violino e Canto**. São ainda lecionadas as disciplinas de **Formação Musical, Iniciação Musical e Classe de Conjunto**.

Realizou-se a **Audição de Final de Ano** a 8 de junho. Assim, os alunos tiveram oportunidade de mostrar o trabalho desenvolvido ao longo do ano letivo.

É ainda de salientar a entrada de um aluno no Conservatório de Música de Paredes e a integração de alunos na Orquestra da Fundação A LORD.

Espera-se dar continuidade a este projeto em benefício da comunidade.



ORFEÃO



ORFEÃO DA FUNDAÇÃO A LORD

Manuel Monteiro

► O ano 2018 foi um ano de muitas apresentações onde o nome da Fundação A LORD continuou a ser levado a várias localidades de Portugal. Com efeito, assistimos a uma consolidação da qualidade nas apresentações efetuadas pelo Orfeão, à continuação da introdução de novas músicas e ao crescimento do número de elementos que o constituem.

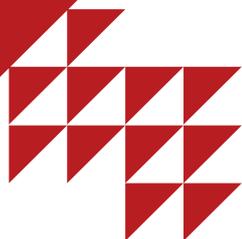
Em termos de atuações, é de referir:

- **Concerto de Reis**, realizado em conjunto pelo Orfeão e Orquestra, no Auditório da Fundação A LORD, no dia 13 de janeiro.
- **Concerto de Páscoa** - música sacra -, realizado no Salão Paroquial de Lordelo, com a colaboração de um Quarteto de Cordas, no dia 7 de abril.
- Participação na **Missa de Aniversário da Cooperativa**, na Igreja Paroquial de Lordelo, no dia 10 de maio.
- Participação na **Missa de Aniversário da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Lordelo**, no seu salão nobre, no dia 12 de maio.
- Realização do **XVII OrffLORD**, no Auditório da Fundação, onde participaram o Orfeão de Guimarães, o Orfeão Claves de Sol & Fá (Fânzeres) e o Orfeão da Fundação A LORD, no dia 30 de junho.

- Participação no **Dia Mundial da Música**, inserido no evento **Outubro Musical**, com a realização de um concerto intitulado "Música no Coração", onde se abordou diferentes tipos de música coral, no dia 6 de outubro.
- Participação no **Encontro Internacional de Coros**, realizado no Paço dos Duques de Bragança, em Guimarães, onde para além do Orfeão da Fundação participaram: o Coro organizador, o Grupo Coral Amtrol-Alfa, o Coro da Santa Casa da Misericórdia de Santo Tirso e o Coral Polifónica do Casinó do Carballiño, no dia 13 de outubro.
- Participação na inauguração da exposição "PAISAGENS NA MINHA TERRA" do fotógrafo e nosso orfeonista, Paulo Coelho, na Biblioteca Municipal de Paredes, no dia 20 de outubro.

Em 2019, o Orfeão da Fundação A LORD pretende melhorar os objetivos alcançados em 2018, incluindo uma nova deslocação a Espanha. Encontra-se, também, aberto a todos os que a ele se queiram juntar.

ORQUESTRA



ORQUESTRA DA FUNDAÇÃO A LORD

Rui Leal

► A Orquestra da Fundação A LORD, ao fim de três anos, mostrou ter desenvolvido um trabalho meritório ao nível musical, realizando alguns concertos.

A 13 de janeiro, realizou o **Concerto de Reis**, juntamente com a participação do Orfeão da Fundação A LORD, com repertório alusivo à quadra natalícia, em que partilharam o palco as duas formações (algo inédito), proporcionando um grande espetáculo para um Auditório quase pelas «costuras». De salientar que este mesmo concerto foi dirigido pelo maestro do Orfeão Manuel Monteiro. A 19 de maio, a orquestra participou nas **Comemorações do 85.º Aniversário da Cooperativa A LORD** com um grande concerto realizado no Auditório da Fundação. Durante o mês de outubro, organizou o **Outubro Musical**, tendo como convidado o Maestro Fer-

nando Marinho, onde a par do trabalho com a Orquestra da Fundação, ministrou um curso de direção de banda e orquestra a vários alunos de diferentes pontos do país. Esta atividade culminou num grande concerto no dia 20 de outubro. Esteve também presente, a convite da Associação Portuguesa de Clarinetes, no **ClarMeet 2018**, onde teve a oportunidade de acompanhar os solistas de clarinete, Frederic Cardoso (Portugal), Márcio Pereira (Portugal) e Cristiano Alves (Brasil). Este concerto realizou-se no Auditório do Conservatório de Música do Porto.

Os concertos apresentados refletiram o empenho de todos os elementos que compõem a Orquestra e traduziram o seu papel na divulgação da música.



Formação

The background image shows a close-up of a person's hand pointing at a laptop screen. The screen displays a website with various elements like a play button icon and text. A notebook and a pen are also visible on the desk next to the laptop. The image is split diagonally, with an orange gradient on the top-left and a greyish-blue gradient on the bottom-right.

A formação de pessoas é um desafio que envolve a utilização de ferramentas pedagógicas. Estas motivam os formandos para a aprendizagem, aumentando os seus conhecimentos e as suas competências. Desta forma, criam-se posturas profissionais distintivas para uma melhor inserção no mundo laboral.

Sabe-se que o “saber-saber, saber-fazer e saber-ser/saber-estar” contribuem para uma formação equilibrada e exigente.

FORMAÇÃO

FORMAÇÃO PROFISSIONAL PARA DESEMPREGADOS

Lasalete Silva

► No início do mês de maio, a Fundação A LORD candidatou-se ao **Programa Operacional Inclusão Social e Emprego (POISE)**, eixo prioritário “**Promover a inclusão Social e combater a pobreza e a discriminação**”, tipologia da operação **3.03 - Formação Modular para Desempregados de Longa Duração (DLD)**, na área Eletricidade e Energia, sendo composta por oito ações de formação certificadas de 25 horas ou 50 horas cada uma, perfazendo um total de 300 horas.

Em setembro, a Fundação recebeu a notificação da decisão de aprovação da referida candidatura, tendo-se iniciado a primeira Unidade de Formação de Curta Duração “Corrente Alternada Monofásica e Trifásica” (código do Catálogo Nacional de Qualificações 6766), no dia 28 de dezembro, com 17 formandos.

A restante formação será desenvolvida, durante o ano de 2019, e deverá abranger, no mínimo, 160 participantes provenientes de grupos desfavorecidos, incluindo desempregados com habilitações inferiores e/ou superiores ao ensino secundário.



Museu



Um museu, como instituição social, presta alguns serviços específicos ao público: produção de conhecimento, oportunidade de lazer e valorização do património.

O Museu A LORD possui um acervo que reflete a história da comunidade lordelense. A sua finalidade expressa-se na conservação de peças pertencentes ao passado.

Ao expor estas peças, num espaço próprio para o efeito, cada uma delas passa a perdurar no tempo como objeto museológico. O Museu cumpre, deste modo, a sua função social para as gerações futuras.

MUSEU

MUSEU A LORD

Lasaete Silva

► O Museu A LORD, composto por equipamentos informáticos interativos, continua a ser um espaço de arquivo e de consulta de documentos e objetos históricos da Cooperativa de Eletrificação A LORD, CRL, da Fundação A LORD e do setor elétrico.

Sendo as suas instalações partilhadas pelos

departamentos Biblioteca e Cooperação, a dinamização do espaço é promovida por estes.

Justifica-se a importância do papel do Museu, recentemente inaugurado, já que preserva um património valioso, pondo-o ao dispor dos visitantes.



Opinião

A blurred photograph of a panel discussion. Two people are seated at a table with microphones in front of them. The image is dark and out of focus, with a diagonal white line cutting across it from the bottom right corner.

Uma plataforma em que os participantes têm um papel relevante na intermediação escrita com os leitores, partilhando as suas ideias sem restrições e de forma plural.

Este processo de comunicação escrita suscita discussão, reflexão e questionamento sobre vários temas relacionados com a sociedade. Uma quebra do silêncio, fazendo emergir, através da escrita, uma necessidade social de “conversação”.

A PAZ NOSSA DE CADA DIA NOS DAI HOJE

 **Pe. Álvaro Pacheco**
Instituto dos Missionários da Consolata, IMC

► Saudações destas terras do arroz e do sal, na margem sul da Figueira da Foz. Falar dos tempos que correm é falar, entre outros temas, da Paz e da falta que ela faz, uma falta cada vez mais acentuada no que se refere à esfera do privado/pessoal. Sim, porque depois de tantos anos a falar da guerra na Síria (conflito que ainda decorre, só que dele nada ouvimos porque já não é novidade e cansa as pessoas!), de guerras em África onde estão presentes militares portugueses, da Venezuela e seus problemas sociais, depois de tanta violência que se tornou “normal e tolerável” na cultura apresentada pelos filmes e outros meios de entretenimento, falar de Paz passa necessariamente por incidir na esfera das relações pessoais e não somente entre estados ou grupos rivais, separados por políticas, religiões ou ideologias diferentes.

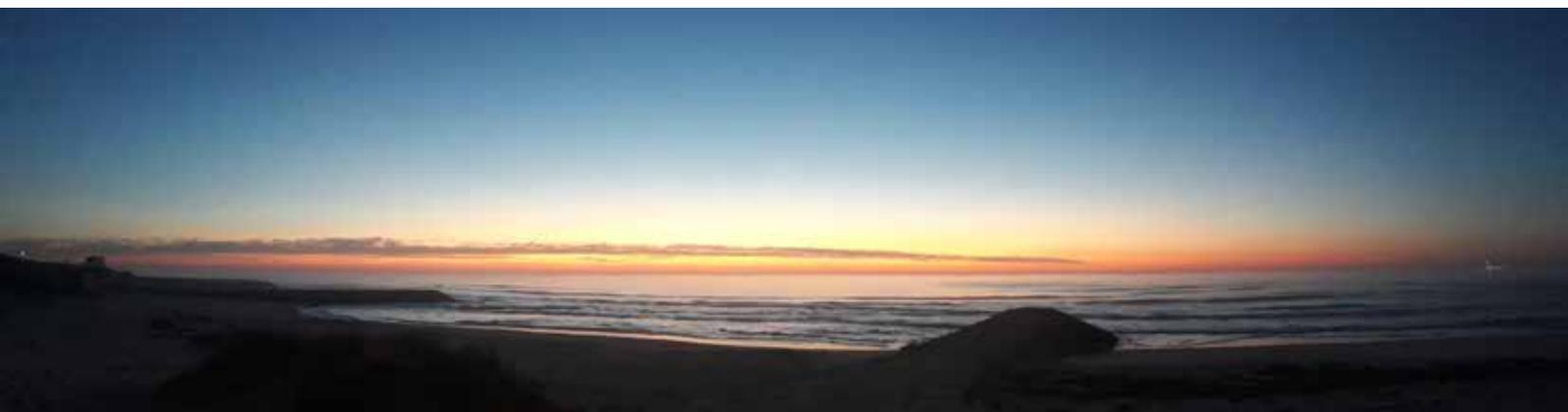
Recentemente, os casos de violência doméstica, os mais graves sendo os casos da morte da mulher, têm vindo à esfera pública a um ritmo alucinante, casos que demonstram, infelizmente, o estado triste e desolado em que se encontra a Paz. Por outras palavras, o estado triste e desolador em que, como indivíduos e sociedade, vamos caindo gradualmente por falta de Paz. Transcrevo parte do texto de uma notícia do jornal da RTP sobre mortes de mulheres em contexto de violência doméstica e/ou relação amorosa que data de 14 de agosto de 2018:

O número de mulheres mortas em ambiente de violência doméstica tem já este ano de 2018 números assustadores. No primeiro semestre foram assassinadas 16 mulheres, quase tantas como no ano de 2017.

O Jornal I revela esta terça-feira dados dos primeiros seis meses deste ano, como revela a jornalista Beatriz Lopes. Desde 2004, 491 mulheres foram assassinadas em contexto de intimidade. Os meses de julho, agosto e setembro são os que registam maior número de casos violentos.

“É uma realidade preocupante”, admite a coordenadora do Observatório de Mulheres Assassinadas da associação União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR) que se dedica a estudar o fenómeno há 14 anos.

Infelizmente, parece que a Paz está cada vez mais afastada do “Pão nosso de cada dia”. Se repararmos bem no texto da oração do Pai-nosso, a falta de Paz está associada a várias palavras-chave que se tornaram parte do “Pão nosso de cada dia” de muitas pessoas, tanto em Portugal como noutros países: agressões, humilhações, *bullying*, vítima, crime, ofensas, roubo e corrupção, entre outras. Claro, a ausência de Paz é, infelizmente, parte da história da Humanidade em todos os períodos da mesma, desde as origens até aos nossos dias. Falar de Paz é um discurso que deve começar por cada um de nós, ou seja, pela Paz Pessoal/



Interior. Isto é, antes de ser social, começando pela família, a Paz deve ser um fator pessoal que favorece e ajuda positivamente a pessoa na sua relação com os outros. Hoje em dia estão na moda as terapias de relaxe e de meditação, como o *yoga* e outras formas de procura desta Paz Interior, pois estamos a dar-nos conta de que sem ela a sanidade mental e o comportamento relacional pessoal e social sofrem consequências cada vez mais desastrosas. Mencionei o caso do *bullying* e violência entre jovens, mas outro exemplo triste e dramático tem a ver com os níveis de violência doméstica, os quais vêm aumentar de ano para ano as estatísticas que dela falam. Só no primeiro mês deste ano contaram-se nove vítimas mortais, todas elas mulheres mortas por quem se dizia marido ou namorado.

Há depois a violência emocional, associada ou não à física (mas em muitos casos associada), que causa danos em todos os elementos direta ou indiretamente envolvidos. Bastaria pensar nos filhos que perderam a mãe às mãos do pai... e, nos casos mais graves, de filhos que morreram à mão do pai ou da mãe, sem falar de outros familiares desses mesmos assassinos. A violência tem-se tornado cada vez mais gratuita e “normal” e isto deve fazer-nos pensar. Claro, a violência existe desde os primórdios da Humanidade, mas, pelo menos esta é a minha perspetiva, ela tem-se tornado cada vez mais “habitual”, tanto, que já não causa tanto espanto. Um dos fatores que contribuíram para esta situação é a facilidade com que hoje temos acesso à informação, aqui e agora, sendo que este “aqui” deixou de ser o meu espaço físico limitado para se tornar num espaço bem

mais amplo, ou seja, a chamada “aldeia global”.

Muito mais haveria para dizer sobre este tema, mas antes de terminar gostaria de partilhar o meu método de apaziguamento do coração. Tenho várias formas de o obter, mas partilho sobretudo duas que me são mais caras. Uma é das minhas favoritas: caminhar ao longo da praia, sobretudo ao pôr-do-sol. Viver perto da costa facilita-me imenso a prática desta terapia pessoal, concreta, muito prática e gratuita. A outra tem a ver com a dimensão relacional da vida: ter bons AMIGOS com quem poder desabafar ou partilhar outros sentimentos sempre que necessário é, para mim, a melhor das terapias. Dado que a Amizade é a base do Amor, é como tal fundamental crescermos nesta dimensão da Amizade como um dos fundamentos principais da Paz, pois a Paz é um dos frutos do Amor. Claro, os Amigos com A maiúsculo não são fáceis de conseguir, pois é um longo processo, mas são, para mim, a melhor das terapias, associada, claro, à relação com Deus, pois acredito que Ele se me revela em Pessoas Especiais, ou seja, em Amigos que coloca na minha vida. Só que tê-los e mantê-los não é fácil..., mas são, sem dúvida, o melhor da vida. Por isso, a sociedade deve fazer uma reflexão sobre a importância da Amizade na vida das pessoas, sem esquecer que a sociedade não são só os outros: ela começa por mim, tal como começa a Paz, a Partilha e outros valores que constroem a Sociedade. Sempre que possível, procuro uma boa conversa com um bom/a Amigo/a feita “face-to-face”, olhos nos olhos e de preferência num local com muita Paz.



O PERFIL DOS ALUNOS À SAÍDA DA ESCOLARIDADE OBRIGATÓRIA

Beatriz Ester Moura de Castro

Diretora do Agrupamento de Escolas de Lordelo

► A partir da aprovação da Lei de Bases do Sistema Educativo, em 1986, as políticas educativas têm sido tomadas com base em dois grandes objetivos: aumentar o número de anos da escolaridade obrigatória e garantir uma educação de qualidade a todas as crianças e jovens em idade escolar, assegurando-lhes as melhores oportunidades educativas. Com o alargamento da escolaridade obrigatória até aos 18 anos de idade, em 2009 e, de forma a dar resposta a todas as crianças e jovens independentemente dos percursos escolares realizados, constituiu imperativo, por parte do XXI Governo Constitucional, estabelecer um referencial educativo, que adote a diversidade de percursos educativos, assegure coerência do sistema educativo e dê sentido à escolaridade obrigatória.

O Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória, aprovado pelo Despacho n.º 6478/2017, de 26 de julho, afirma-se como um documento de referência para a organização de todo o trabalho dos estabelecimentos de educação e de ensino.

De acordo com o citado despacho, este Perfil afirma-se como um *referencial para as decisões a adotar por decisores e atores educativos ao nível dos estabelecimentos de educação e ensino e dos organismos responsáveis pelas políticas educativas e constitui-se como uma matriz comum para todas as escolas e ofertas educativas no âmbito da escolaridade obrigatória, designadamen-*

te ao nível curricular, no planeamento, na realização e na avaliação interna e externa do ensino e da aprendizagem.

O Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória, está estruturado em função de Princípios, Visão, Valores e Áreas de Competência.



Esquema Conceitual do Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória

I. Princípios

Os Princípios que justificam e dão sentido ao Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória são:

- **Base humanista:** a escola deve habilitar os jovens com saberes e valores para a construção de uma sociedade mais justa, centrada na pessoa e na dignidade humana;
- **Saber:** a escola tem como responsabilidade desenvolver nos alunos um conhecimento sólido e robusto para que estes possam intervir sobre as realidades naturais e sociais no mundo;
- **Aprendizagem:** a escola deve desenvolver a capacidade de aprender, designadamente, ao longo da vida;
- **Inclusão:** a escola atual é de todos e para todos, independentemente do seu nível socioeconómico, cultural, cognitivo e motivacional;
- **Coerência e flexibilidade:** o currículo deve ser gerido de uma forma flexível e resultar do trabalho conjunto dos professores, trazendo a realidade para o centro das aprendizagens visadas;
- **Adaptabilidade e ousadia:** a escola deve preparar os alunos para serem capazes de mobilizarem competências para se adaptarem a novos contextos;
- **Sustentabilidade:** a escola deve contribuir para fomentar nas crianças e jovens a consciência de sustentabilidade, que implica relações de sinergia e simbiose duradouras e consistentes entre os sistemas social, económico e tecnológico e o Sistema Terra, de cujo equilíbrio depende a continuidade da civilização humana;
- **Estabilidade:** educar para um perfil de competências requer tempo e persistência.

II. Visão

De acordo com o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória, a visão do aluno deve integrar um conjunto de intenções que respeitem os princípios fundamentais de uma sociedade democrática. Neste sentido, à saída da escolaridade obrigatória, o aluno deverá:

- ser detentor de uma multiplicidade de literacias que lhe permita analisar e questionar criticamente a realidade, avaliar e selecionar a informação, formular hipóteses e tomar decisões fundamentadas no seu dia a dia;
- ser livre, autónomo, responsável e consciente de si próprio e do mundo que o rodeia;

- ser capaz de lidar com a mudança e com a incerteza num mundo em rápida transformação;
- ser capaz de reconhecer a importância dos diferentes saberes para a sustentabilidade social, cultural, económica e ambiental de Portugal e do Mundo;
- ser capaz de pensar crítica e autonomamente, com competência de trabalho colaborativo e com capacidade de comunicação;
- estar apto a continuar a aprendizagem ao longo da vida, enquanto fator decisivo do seu desenvolvimento pessoal e para a sua intervenção social;
- reconhecer e respeitar os princípios fundamentais da sociedade democrática;
- valorizar o respeito pela dignidade humana, pelo exercício da cidadania plena, pela solidariedade para com os outros, pela diversidade cultural e pelo debate democrático;
- rejeitar todas as formas de discriminação e de exclusão social.

III. Valores

A escola deve encorajar todas as crianças e jovens a desenvolver e a pôr em prática os valores porque se deve pautar a cultura de escola enunciados no Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória, que se passam a enunciar:

- **Responsabilidade e integridade:** o aluno deverá respeitar-se a si próprio e aos outros, saber agir eticamente, consciente da obrigação de responder pelas próprias ações; ponderar as ações próprias e alheias em função do bem comum;
- **Excelência e exigência:** o aluno deverá aspirar ao trabalho bem feito, ao rigor e à superação. Deverá ser perseverante perante as dificuldades, tendo consciência de si e dos outros;
- **Curiosidade, reflexão e inovação:** o aluno deve querer aprender mais, ser reflexivo, crítico, criativo e procurar novas soluções e aplicações;
- **Cidadania e participação:** o aluno deve demonstrar respeito pela diversidade humana e cultural. Deve ser interventivo, tomando a iniciativa e ser empreendedor;
- **Liberdade:** o aluno deve manifestar autonomia pessoal centrada nos direitos humanos, na democracia, na cidadania, na equidade, no respeito mútuo, na livre escolha e no bem comum.

IV. Áreas de Competência

Todos os jovens que concluem a escolaridade obrigatória, independentemente do percurso formativo realizado, deverão possuir um conjunto de competências. De acordo com o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória, as competências são entendidas como *combinações complexas de conhecimentos, capacidades e atitudes*, que permitirá ao aluno investir permanentemente ao longo da vida, na sua educação e intervir ativamente de forma livre e responsável na vida económica, social e cultural num Mundo de incertezas e rápida mudança. O referido Perfil dos Alunos considera as seguintes áreas de competência:

- linguagem e textos;
- informação e comunicação;
- raciocínio e resolução de problemas;
- pensamento crítico e pensamento criativo;
- relacionamento interpessoal;
- desenvolvimento pessoal e autonomia;
- bem-estar, saúde e ambiente;
- sensibilidade estética e artística;
- saber científico, técnico e tecnológico;
- consciência e domínio do corpo.

Estas áreas de competência são complementares e a sua ordenação não pressupõe qualquer hierarquia entre as mesmas. Contudo, implicam o desenvolvimento de múltiplas literacias, como a leitura e a escrita, a numeracia e a utilização das tecnologias de informação e comunicação, que constituem ferramentas imprescindíveis para que o aluno aprenda e continue a aprender ao longo da vida.

A publicação do Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade

Obrigatória traz implicações práticas no quotidiano da organização escolar: implicará (re)pensar na emergência de práticas de inovação pedagógica e didáticas diversificadas e ativas, capazes de promover as aprendizagens de todas as crianças e jovens, e no desenvolvimento profissional dos docentes; tomar as melhores opções pedagógicas e encontrar os recursos mais eficazes para todas as crianças e jovens aprenderem, ou seja, que haja efetivamente uma apropriação efetiva dos conhecimentos, capacidades e atitudes que são trabalhadas ao longo da escolaridade obrigatória; desenvolver ações que mobilizem a comunidade educativa (pessoal docente, pessoal não docente, pais e encarregados de educação e outros atores locais) para que estes se apropriem dessas mesmas ações e vejam as vantagens das ações operadas e as adotem, monitorizem e melhorem.

Além disso, este Perfil dos Alunos, aposta numa escola inclusiva na qual todas (os) e cada uma (um) das crianças e jovens, independentemente da sua situação pessoal e social, encontrem respostas adequadas que lhes possibilitem a aquisição de uma educação e formação facilitadoras da sua plena inclusão social e que concluem com sucesso a escolaridade obrigatória. Para tal, a escola deve respeitar as diferenças e as potencialidades de cada criança e de cada jovem e situar o aluno no centro do processo de ensino e de aprendizagem.

Parafraseando Jesuits Educació, *é difícil, mas não é impossível, transformar a educação profundamente. É preciso ter um projeto, liderança, persistência e trabalhar em rede, tudo isto é necessário para começar e para manter a mudança.*

Referências Bibliográficas:

Despacho n.º 6478/2017, de 26 de julho
Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória

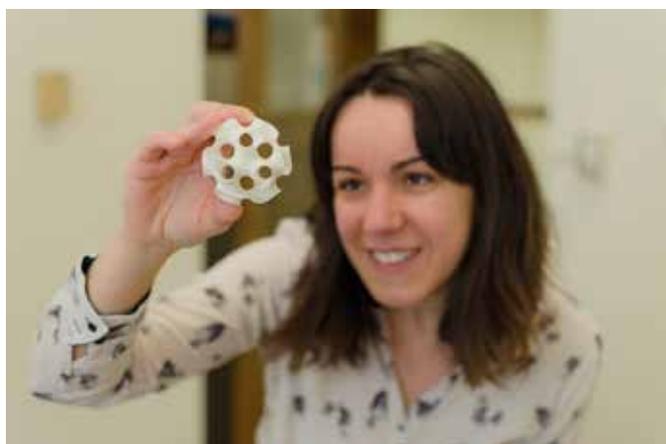
FONTES DE INSPIRAÇÃO

Cecília Leal
Professora Universitária

► O meu nome é Cecília Leal, sou Professora Universitária na Faculdade de Engenharia da Universidade do Illinois em Urbana-Champaign, USA. Sou de Lordelo, mas já vivo há muitos anos fora, mais dos que vivi em Lordelo na verdade. Primeiro, fiz o curso em Coimbra, depois, o doutoramento na Suécia, e, finalmente, fui viver para os Estados Unidos da América (EUA), em 2007.

A universidade, onde trabalho tem cerca de 45 000 estudantes e, tirando as universidades privadas como o Massachusetts Institute of Technology (MIT) ou Harvard, é umas das universidades públicas mais famosas nos Estados Unidos, sobretudo em engenharia. Neste artigo vou escrever sobre “Inspiração” porque é um tema recorrente no meu trabalho.

zem eles, o caso modelo de uma “menina duma terra remota” que foi avançando sempre até ser a primeira mulher professora contratada no meu departamento em mais de vinte anos. “O que a inspirou?”, perguntam-me muitas vezes.



Cecília Leal, Lordelense e Professora Universitária da Faculdade de Engenharia da Universidade de Illinois em Urbana-Champaign desde 2012.

Eu, todos os anos, organizo um programa de verão em Engenharia e Ciência dos Materiais dedicado principalmente a meninas com idades entre 10-15 anos. Chama-se Mid-GLAM (*Middle School Girls Learning About Materials*) e é completamente financiado pela National Science Foundation (NSF). (A NSF é equivalente à Fundação para a Ciência e Tecnologia - FCT - em Portugal). As alunas passam uma semana na universidade a aprender coisas novas na área da química, física e engenharia, a ver demonstrações, a fazer experiências no laboratório, a participar em competições, e até fazem uma apresentação final. Quando resolvi organizar este programa, passei muito tempo a prepará-lo e trabalhei muito, de forma a elaborar atividades que fossem adequadas à idade dos alunos, que lhes permitisse participar ativamente em vez de estarem simplesmente sentados numa sala de aula, e que fosse suficientemente aliciante de forma a “inspirar” este grupo de jovens meninas. Já organizo o Mid-GLAM há três anos. Este ano foi especial porque a minha afilhada Inês era uma das participantes.



O Departamento de Engenharia e Ciência dos Materiais da Universidade do Illinois em Urbana-Champaign, fundada em 1867.

Nos EUA e, em geral, não há muitas mulheres professoras nas Faculdades de Engenharia ou Ciências Exatas. Há muitas teorias, factos, artigos e estudos que o justifica, mas não vou elaborar esta matéria neste texto. Tomemos simplesmente como dado adquirido que de todos os Professores Universitários em Engenharia ou Ciências Exatas nos EUA, apenas 10% são mulheres. Por este facto, há muitas atividades extracurriculares organizadas pela universidade de modo a sensibilizar a juventude, sobretudo meninas, e atraí-las para a área da ciência. Eu estou envolvida em muitas dessas atividades. Sou, como di-



Inês Vicente Leal, participante do Mid-GLAM, a fazer uma experiência no laboratório para modificar a cor do titânio de forma eletroquímica sem uso de tintas ou pigmentos.

É claro que eu adoro ciência e tinha montes de ideias de projetos para elaborar com estas jovens, o problema foi mesmo selecionar as tarefas de modo a ser fazível durante uma semana apenas. Decidi fazer demonstrações muito avançadas, o mais especial possível: desde brincar com supercondutores e materiais que levitam, a derreter pedaços de naves espaciais da NASA, a cozinhar com nitrogénio líquido... As oportunidades para estas meninas seriam absolutamente topo de gama! Até que um colega me disse: “olha C (quase toda a gente me chama C, aqui), e se uma atividade fosse fazer *slime* (gosminha) que muda de cor?” Eu achei demasiado rudimentar, mas concordei. O meu colega sugeriu mais uma: “também podíamos brincar com *corn starch* (amido de milho)” e água. Eu, mais uma vez, aceitei com hesitação.

O Mid-GLAM é sempre um sucesso, mas, este ano, eu assisti pela primeira vez à reação imediata dos estudantes, uma vez que a Inês ao final do dia partilhava as suas impressões. Ela gostou muito de todas as atividades, mas, para minha surpresa, quando a vi a vibrar com mais entusiasmo, foi exatamente com a *slime* e o *corn starch*. Dizia ela eufórica: “mas madrinha, é fantástico aquilo; nem é líquido nem é sólido! Se tocar devagarinho é como se fosse cola, mas, se lhe der um soco é como bater numa parede!” A animação dela pelas atividades científicas fez-me muito feliz, mas o que mais me sensibilizou foi o facto de que estas eram as atividades mais simples, de certa forma banais. Não foi a nave espacial ou o metal que levita, foram mesmo os projetos mais básicos, que qualquer pessoa

com imaginação e vontade pode proporcionar aos seus filhos, com um custo irrisório. Isto fez-me pensar que, efetivamente, a “inspiração” não tem que ter origem em algo extremamente sofisticado. Se pensarmos na nossa infância, geralmente são as coisas mais simples que nos trazem melhores memórias. No meu caso, as memórias mais felizes são mesmo as de dias passados com as minhas tias e avós, a fazer corridas de couves nos regos de água com o meu irmão.

Como disse, este episódio foi muito importante para mim e continuo a pensar nisso. Eu tenho dois filhos e como qualquer mãe ou pai quero o melhor para eles. Eu acredito que, de acordo com as possibilidades de cada um, todos temos a oportunidade de inspirar e motivar os nossos filhos. A minha filha tem seis anos e já anda há um ano numa escola primária pública, vai para o segundo este ano. Podia tê-la inscrito num colégio privado, mas decidi que não. Queria que ela tivesse a oportunidade de interagir com meninos e meninas de todo o tipo de famílias. Queria que ela aprendesse não só as letras e os números, mas uma lição maior que não vem em livros. Queria que a minha filha aprendesse que a sociedade se compõe de ricos, pobres, pretos e brancos, entre outros. O valor da vida humana está precisamente nessa diversidade sociológica e racial. Não queria que a minha filha se sentisse privilegiada ou mimada. Até agora tem sido uma experiência muito positiva e penso que vamos continuar neste registo.

De volta à pergunta que muitas vezes me fazem: o que a inspirou? Eu não sei muito bem a resposta à questão, mas por certo que a fonte da minha inspiração não é nada de muito elaborado, escolas ou programas topo de gama. Acho que remonta às raízes, à minha educação simples, a crescer em Lordelo rodeada de amor e apoio. Eu costumo dizer que o meu pai me ensinou a sonhar e a minha mãe a lutar. Ter um sonho e lutar por ele foi talvez a lição mais fundamental da minha vida e a razão de ser o que sou hoje.



PARÁBOLA(S) DA LEI: EM TORNO DE UM LIVRO, DE UM HOMEM, DE UMA OBRA

Henrique Manuel Pereira

Universidade Católica Portuguesa, Escola das Artes

► 1. Durante sessenta anos (quantas horas e dias têm sessenta anos?), com a facilidade que dá a prática, Padre Baptista alimentou, limpou, virou, mudou, cuidou corpos e mentes retorcidos como nós. Foram eles, afinal, o corpo de delito que - no âmbito do Proc. N.º 129/14.8GEPNF, que correu termos pelo Juízo Central Criminal de Penafiel - Juiz 3 do Tribunal Judicial da Comarca do Porto Este - o condenou, por sentença transitada em julgado em 2 de maio de 2017, a uma pena única de 2 (dois) anos e 9 (nove) meses de prisão suspensa por igual período e sujeita à regra de conduta de não residir na Obra da Rua, Beire, Paredes. O condenado contava, à data, 87 anos de idade.

2. A situação concitou dessorsegos e vontades de reação. Alguém, que estou certo não gostaria de ser nomeado, entre muitos outros, materializou ideias, sugerindo se avançasse com um instrumento jurídico de carácter excecional: um pedido de indulto, subscrito por pessoas idóneas e dirigido ao Presidente da República Portuguesa.

O livro Padre Baptista: *Alma, corpo, mãos e coração de O Calvário* reúne, pois, as peças documentais testemunhais de um pedido de indulto que no seu conjunto configuram e documentam um processo singular como, de resto, singular é o homem em torno do qual tudo gira. Ali, com prefácio de D. Manuel Linda, bispo do Porto, depõem: António Ramalho Eanes, Jorge Sampaio, Aníbal Cavaco Silva, Cunha Rodrigues e Augusto Lopes Cardoso.

O condenado recebeu o indulto do Presidente de República, Marcelo Nuno Duarte Rebelo de Sousa, no Natal de 2018.

3. Pálidos como a cicatriz de uma ferida, ficaram para trás os dias de um processo que atingiu proporções ruidosas pela internet, televisão, rádios, jornais, e com eles

os pregoeiros que, munidos de ignorância e investigação precipitada, não raro com segurança de adivinho, anticlericalismo seródio e psicologia de pacotilha, traçaram diagnósticos, amplificaram calúnias e, sequer incapazes de a conceber, esfaquearam a virtude.

Tardei a perceber a razão de tanto adiar a escrita deste texto. Sendo duvidosa a sua necessidade, incomoda-me a ideia de que um só leitor possa pensar que foi Padre Baptista quem, esmagado, sofredor, estigmatizado, etc., sentiu necessidade de pedir um indulto, apelando à benevolência de quem lho podia conceder. Ao que julgo saber, assim o determinam a forma e a terminologia de lei. Na verdade, sabem alguns da dificuldade de tão-só convencer o condenado a deixar avançar a ideia...

“Foi e é só mais uma prova. Já não é nada. A minha vida está serena. Sinto-me com mais tempo para estar comigo e com Deus. E se às vezes sinto alguma dor, ela é serena.” Acredito nestas palavras, ditas ao telefone, um dia destes. Sei que a corrente que o leva é mais funda, alheia ao movimento das marés e tempestades.

4. Tudo no Calvário era sacrilegamente simples, familiar, sem médicos nem batas brancas, alheio ao mundo assético dos hospitais e outros requintes de especialização. Mesmo Cristo ali não pedia flores para o seu sacrário. “Aqui, Cristo pede-nos fraldas; pede-nos pensos; quer que lhe deponhamos o comer nos lábios, que as mãos d’Ele não o levam à boca, de paralisadas que estão. Ora, nem para isto nos chegam as horas do dia, quanto mais para as flores.”¹

Um dia passado naquela comunidade bastava para se aprender que o amor é feiticeiro, sabe os segredos que nenhum manual ou curso ensina, e que dele, do amor, conhecemos o que nos ensinam os olhos que nos amam.

¹ Padre Baptista, *O Calvário: [Páginas escolhidas e documentário fotográfico]*. Organização e Prefácio de Walter Osswald. Penafiel: Editorial Casa do Gaiato, 2018, p. 96.

5. Se não se me apaga o eco rumoroso da “Parábola da Lei” do *Processo de Kafka*, tenho também presente a comunhão do então bispo do Porto, D. António Francisco dos Santos (1948-2017): no preciso dia em que se fez público o veredicto, assinou uma Nota Pastoral inteiramente dedicada à Obra da Rua e ao Padre António Baptista dos Santos, a quem, sem perder tempo com a “trama urdida dos efeitos e das causas” que conduziram à sentença, testemunhou o seu apreço e gratidão². Livre e frontal, “com muito gosto e algum orgulho”, também D. Manuel Linda aqui se associa àquele que foi “a alma, o corpo, as mãos e o coração do ‘Calvário’”.

6. Procuo imagens do meu primeiro encontro com ele e não consigo contornos nítidos. Recordo-me, lá longe no tempo, algures por meados de 1980, das suas passadas rápidas e decididas pelos pavilhões, o rosto grave, aberto às vezes por sorrisos fugazes. Nunca lhe vi cegueiras diplomáticas, nem os carinhos melifluos que os crescidos adotam quando se dirigem aos idiotas ou às crianças. Sem esbanjamentos emotivos, não lhe vi palmadinhas estimulantes, mas a mão pousada como quem assinala a presença. E creio recordar, mas poderá isso ser já dourado de memória, que o seu *blaser*, à força de usado, lavado e passado, era brilhante como casca de cebola.

Tenho percurso e idade bastante para conhecer um apreciável número de pessoas que direta ou indiretamente se movem pelo universo eclesástico. Considero-me medianamente perspicaz para detetar os tiques seráficos, as estratégias, as falas e liturgias oportunistas, os odores de sacristia. São de ontem e de sempre, como de ontem, de hoje e de sempre são também os santos, essa miríade de mulheres e homens que sem milagres canónicos - a viverem, tantas vezes, dias como noites escuras, a sentirem, enfim, as fragilidades da humana condição - procuram, na humilde medida do possível, fazer do mundo um lugar mais habitável e do Evangelho Palavra legível, credível, palpável. Inscrevo Padre Baptista neste quadro.

Sinto-me cada vez mais longe da hagiografia e da soleinidade com que se fala de quem, nimbado de angelical pureza, tão irrepreensível e perfeito, é pouco menos que divino. Gosto de homens contraditórios, limitados, à procura do melhor de si e dos outros, virilmente frágeis, assumidamente necessitados:

“Ninguém é indispensável nem insubstituível.

Eu é que preciso do Calvário para ser mais eu mesmo. O que não tenho crescido e aprendido aqui com os doentes! Aprendido com o seu viver e sentir! Quanto eles não me têm feito crescer na Fé, na Esperança e no Amor! [...] Eu preciso do Calvário. Muito.”³

Se “isento da jurisdição do tempo é o verdadeiro amor”⁴, mais ainda o estará da jurisdição dos homens. Há amores que se prolongam em íntimos e longos diálogos na ausência e no silêncio. Ainda assim, à luz desta confessada necessidade, quem poderá entrever os fundos daquela dor serena?

7. Colocar este homem em lugar exaltado é diminuí-lo. O Calvário que edificou é da ordem do extraordinário, extravasa rótulos ou categorizações. Por isso, qualquer análise ou retrato seu terá de passar por uma visita àquela casa e seu cemitério; e, no pressuposto de que “o escritor não diz só o que escreve; diz também o que é”⁵, terão de ler-se os três volumes de *O Calvário* ou, ao menos, a antologia *O Calvário [Páginas escolhidas e documentário fotográfico]*, organizada por Walter Osswald, coordenada por Cruz Santos e editada pela Casa do Gaiato. Nas palavras do homem que sempre se mostrou forte entreveem-se marcas de uma sensibilidade em carne viva. Sim, os seus textos “parecem poemas místicos”⁶, têm textura de poesia e oração, não raro, é como se as frases neles se incendiassem e as palavras nos queimassem. Tudo o mais me parece secundário senão mesmo trivial.

8. Nem tangencialmente quero comentar o processo que deu origem aos textos do livro *Padre Baptista: Alma, corpo, mãos e coração de O Calvário*, coordenado por José da Cruz Santos e editado pela Editorial Casa do Gaiato, mas estou convicto de que, no tribunal do Tempo, não será Padre Baptista a sentar-se no banco dos réus.

² D. António Francisco dos Santos, “Nota Pastoral: Obra da Rua e Padre António Baptista dos Santos”. In *À Volta de Padre Baptista*. Entrevista conduzida por Henrique Manuel Pereira. 2.^a edição. Modo de Ler, 2017, pp. 4-7.

³ Padre Baptista, *O Calvário: [Páginas escolhidas e documentário fotográfico]*, p. 139.

⁴ Padre António Vieira, “Sermão do Mandato (1643)”. In *Obra Completa*. Dir. José Eduardo Franco; Pedro Calafate. Lisboa: Círculo de Leitores, 2013, Tomo II, Vol. VI, p. 265.

⁵ Henrique Manuel Pereira [Org.], *Padre Américo: Frei Junípero no Lume Novo*. Coimbra: Tenacitas-Alforria, 2015, p. 71.

⁶ Assim escreveu D. Rino Passigato, atual núncio apostólico em Portugal, em carta datada de 25 de outubro de 2018, dirigida a José da Cruz Santos: “As crónicas do quotidiano escritas pelo Padre Baptista mais parecem poemas místicos pela elegância literária e pela forma oculta de descrever a realidade impiedosa de tantos irmãos em sofrimento extremo.”

O 25 DE ABRIL ALMOÇO EM MINHA CASA NO DIA 25 DE ABRIL DE 2017

Manuela de Abreu e Lima

► Meus queridos amigos

Porque hoje é o 25 de Abril, encontramos-nos aqui reunidos, para festejar e evocar este dia, que tantas expectativas e esperanças criou em alguns de nós, restando-nos, hoje, ao fim de 44 anos, vivê-lo em liberdade e com algumas das conquistas importantes ainda em vigor.

Como já petiscámos algumas das iguarias solidariamente partilhadas, quer dizer alimentámos o corpo, vamos agora tratar de alimentar o nosso espírito...

Assim, num desejo que venho acalentando já há algum tempo, vou partilhar convosco um Album «Transformações e Metamorfoses do Sexo» com 20 desenhos do Escultor José Rodrigues, sobre os quais o grande Jorge de Sena escreveu um texto que será lido simultaneamente com a projecção dos desenhos.

Este Album é uma edição Ouro do Dia, dirigida pelo editor José da Cruz Santos, da Colecção «Vestígios de Ouro», com uma vinheta de Ângelo de Sousa, logótipo desta colecção e arranjo gráfico de Armando Alves. Magnífico, muito belo que é ao primeiro olhar o que nos conquista e seduz.

Estive durante um certo período doente, com dificuldade em me movimentar, tendo aproveitado, para preencher esse tempo, ler. Leitura um pouco desordenada, ou melhor, desorganizada, isto, aquilo, leituras curtas e bem dispostas.

Ao folhear um livro de biografias de grandes e imortais compositores encontro a de Hector Berlioz, nascido em 1803, em Côte-Saint-André perto de Grenoble, falecido em Paris, em 1869. Berlioz teve uma vida aventureira, tudo lhe aconteceu, incluindo um naufrágio.

Tinha um extraordinário sentido de humor, uma graça irresistível. Foi um escritor talentoso, um grande compositor, director de orquestra, um homem cultíssimo. Desde o seu aspecto físico, até às suas qualidades morais, Berlioz é a antítese do músico romântico.

Berlioz era filho de um médico que o mandou para a Escola Médica, em Paris, mas o rapaz preferiu frequentar a Ópera e o Conservatório. Aos 20 anos consegue fazer executar uma Oratória de sua autoria, aos 27 obtém o Grand Prix de Rome, prémio muito cobiçado, cujos laureados, os melhores, eram compositores, arquitectos, pintores e escultores, que viveriam 4 anos em Roma, em Vila Médica, recebendo uma pensão paga pelo Estado Francês.

Antes de partir, estreia-se em primeira audição a sua Sinfonia Fantástica. Entre a assistência, que aplaude entusiasticamente, estava o jovem Liszt, e Shuman que lhe consagrariam magníficos elogios. A sua estupenda produção não tem fim, dirigiu as suas obras, por toda a Europa, à frente das mais vastas orquestras às quais ia acrescentando naipes. Liszt amava o seu trabalho, a sua música e organizava «Semanas Berlioz» triunfantes. Durante um destes festivais, foi tocado o Concerto para piano de Liszt: solista, o autor, chefe da orquestra, Berlioz. O mais prestigiado pianista e o mais prestigiado director de orquestra da época, ambos compositores de génio, interpretando obras um do outro...

Berlioz exalta-se com os seus êxitos, escreve cartas inflamadas ao pai, aos amigos e faz notáveis «comunicados de imprensa» (como se diria hoje) para todos os directores de jornais, revistas, teatros, etc., qualificando a sua actividade de «piramidal», «espantosa», «babilónica», «prodigiosa», «ninivita» (de Ninive grandiosa cidade Capital do Império Assírio da Antiguidade).



Ao descobrir este conjunto de adjetivos, eu rejubilei, tinha encontrado, finalmente, a mais estupenda qualificação para o Album que vamos saborear dentro em pouco, acrescentando eu mais três adjetivos, aos desenhos de José Rodrigues, «transcendentes», «extasiantes», «magistrais».



(Extractos do texto de Jorge de Sena)

(...) dir-se-á que a representação do sexo (acto e/ou órgãos) é coisa brutal, e que devemos, a um mundo de hipócritas, servir a pílula dourada. Que bikinis devemos metamorficamente pôr-lhes?

(...) E, se faço esta pergunta, é porque o machismo (associado àquele lesbianismo latente que é parte da rivalidade das mulheres numa sociedade machista, e que explica a profusão de mulheres nuas ou seminuas em revistas supostamente de modas ou de ideias parvas para mulheres mais parvas ou a emparvecer pela e para a sociedade de consumo), tanto o dos marialvas como o dos delicados, tem um medo danado de exhibir aquelas partes por escrito, ainda que não fale senão delas em privado. E se, para além do escrito, essas coisas são desenhadas, aquelas criaturas-machas, e o que há de animus criado pelas repressões de séculos no comportamento de milhares de mulheres, logo correm a pôr uma folha de parra, ou uma cueca, como um papa mandou fazer às figuras gloriosamente nuas do Juízo Final de Miguel Ângelo.

(...) É contra esta onda hedionda que devemos levantar-nos por uma vez, e que desenhos como os de José Rodrigues significam mais do que o mero prazer dignamente sensual que toda a obra de arte deve proporcionar a quem a contempla - e quem, mesmo ante a mais abstracta imagem, não entende e não sente assim, não sabe nada de arte nem de humanidade. Mais, é uma criatura triste

de si mesma, que nem sabe que perdeu a comunicação com o seu corpo.

(...) E isto explica uma das características básicas da sequência de José Rodrigues - a figuração dos sexos, de fragmentos de corpos, mas não de pessoas, rostos, gente por inteiro. É esse anonimato, que é individuação suprema, o que estas metamorfoses gráficas representam.

(...) Portanto, transformações, variações, metamorfoses gráficas simbolizam o mais essencial e o mais digno de nós mesmos, se representam os órgãos sexuais, as suas actividades, ou a memória do prazer. E é isso o que magnificamente José Rodrigues criou nesta sua obra: um como que saudável e bellissimo retorno às origens, ao antes de tudo, esse antes de tudo que é o presente do nosso existir e do nosso arder nas chamas - tão metaforicamente antigas e gastas, mas sempre ardentes - do Amor(...).¹

José Rodrigues (Luanda, 1936 - Porto, 2016), é de Luanda, de Al-fândega da Fé, do Porto, de Vila Nova de Cerveira. Mas, a sua actividade parece pertencer ao princípio dos tempos, Eugénio de Andrade diz tê-lo conhecido «há milhares de anos num encontro nas Grutas de Altamira».

¹ Extractos do texto de Jorge de Sena, «Transformações e Metamorfoses do Sexo».

O registo da sua obra avoluma-se em álbuns, catálogos, livros e artigos em jornais e revistas. Uma das esculturas mais polémicas, o Cubo na Ribeira, é mais que suficiente para a consagração de um artista: a cidade do Porto e os portugueses apropriaram-se do nome da obra que passou a designar o local, marcando-se os encontros para a Praça do Cubo!!!

«Cada uma das peças de José Rodrigues permitem diferentes montagens combinatórias de mobilidade cenográfica, manifesta sobre comum virtuosismo executivo. A isso se ligará comprovada capacidade de José Rodrigues, no domínio teatral, creditando-se pela realização dos mais belos cenários nos mais belos espectáculos decorridos nos palcos portugueses: *Breve Sumário da História de Deus, A Casa de Bernarda Alba, Yerma, Os Imigrantes*, são apenas exemplos dum talento que sobretudo significa o desdobramento de quem permanece, essencialmente, artista plástico - criador de formas e «organizador de espaços» (conforme as próprias palavras do autor).

Mas, sempre e sempre, nos autênticos artistas a arte nunca deixou de ser celebração da vida. José Rodrigues é um desses poucos, com um nome português e vinculação portuense.»²

Jorge de Sena nasce em Lisboa em 1919 e falece em Santa Bárbara, Califórnia, em 1978. Jorge de Sena era Engenheiro Civil pela Faculdade de Engenharia do Porto. Em 1945 subscreve uma lista a exigir eleições livres, só não é deportado para o Tarrafal por influência de um amigo. Faz o estágio em Engenharia Civil, obtém a carta de curso e vai trabalhar para a Câmara Municipal de Lisboa, Monumentos Nacionais, Junta Autónoma das Estradas, o que lhe permite viajar e conhecer muito bem o país. Esta actividade, como engenheiro, manteve-se até ir para o Brasil, em 1959, e foi sempre paralela à sua actividade de escritor, poeta, conferencista, professor universitário, tradutor - Graham Greene, Hemingway, Caldwell, Malraux, Faulkner, O'Neill e muitos outros...

A sua produção é imensa: Poesia, Teatro, Ficção, Obras Críticas de História Geral, Cultural ou Literária, Diários e Entrevistas, Correspondência, Traduções Prefaciadas, Prefácios Críticos, Antologias de Verso e Prosa.

Em consequência do golpe militar de 1964, no Brasil, é demitido, pelo telefone, da Faculdade onde dava aulas em S. José de Rio Preto. Faz o Doutoramento. Vai para Nova Iorque a caminho da Universidade de Wisconsin, Madison, como *visiting professor*. Em 1967

é nomeado Professor Catedrático efectivo de Literatura Portuguesa e Brasileira. Posteriormente (1970) muda para a Universidade de Santa Bárbara, Califórnia.

Alguns apontamentos do discurso de Jorge de Sena pela atribuição do Prémio Internacional de Poesia ETNA-TAORMINA.

«Receber o Prémio Etna-Taormina é uma das maiores honras que um poeta pode receber neste mundo. E sucede que eu, a quem as honras sempre foram negadas ou roubadas à última hora no meu país de origem aonde isso é costume, e que sempre aliás fui contrário a buscá-las ou aceitá-las, sou quem o recebe este ano. (...) Sou um escritor português, sou também cidadão brasileiro, sou um homem que há perto de 20 anos não vive em Portugal (...).

Hoje, 25 de Abril, é o aniversário da definitiva queda do fascismo italiano há décadas, mas é também o aniversário da queda recente do fascismo português. Neste momento, permitam-me que faça votos por que nem um nem outro jamais voltem a dominar povos como os nossos, sempre traídos por classes dirigentes menos nobres que eles. (...) aqui tendes este português com mais de uma pátria e que, assim sendo, deixem-me informar-vos, representa realmente Portugal. O meu país sempre, desde que começou há mais de oito séculos, exportou mais homens do que outra coisa. E sempre foi para os seus filhos uma pátria ingrata, sem que esses filhos deixassem de amá-la profundamente.

(...) Quis sempre que a minha poesia fosse o testemunho fiel de mim mesmo neste mundo que me deram para viver e, ao mesmo tempo, deseja lembrar aos outros que há uns valores essenciais, muito simples: honra, amor, camaradagem, lealdade, honestidade, sem os quais a vida não é possível, e toda a poesia, por mais sábia que seja, é falsa.

(...) Helenicamente, romanamente, ou portuguesmente, nós e vós descobrimos e dominamos o mundo. Agora, estamos, Itália e Portugal, na lista dos países velhos cujas contas os outros examinam, para emprestar-nos dinheiro, e cuja ordem e progresso possíveis há quem deseje destruir. Mas a velhice tem as suas vantagens: uma cínica e inocente sabedoria que nos salva à última hora, e uma consciência tranquila de que a morte, se vier, não nos mata. Porque aquilo que somos em cultura não pode morrer.

(...) À Sicília, à Itália, ao digníssimo júri, ao meu tradutor italiano, a todos vós, muito obrigado, por mim e por Portugal.»³

Breve adaptação do texto para a sua publicação na revista "Presença", em 2018

A autora escreve de acordo com a antiga ortografia

² Jorge de Sena in «A Arte de Jorge de Sena - Uma Antologia». Edição de Jorge Fazenda Lourenço.

³ Jorge de Sena, Taormina, 25 de Abril de 1977.

NÃO SE ESQUECE UM GRANDE AMOR

Texto de Maria Florinda Almeida

Médica Oftalmologista

Ilustrações de Marília Almeida

Professora do Ensino Básico

► Laura e Henrique eram dois jovens professores. A nobre arte do ensino aproximou-os e, em ambos, nasceu um grande amor.

As circunstâncias que criaram e alimentaram um sentimento tão terno, terão sido tecidas no desempenho profissional e no convívio social entre as famílias e os amigos. Desde o primeiro encontro o destino traçou a história do seu amor.

Os dois eram, pode dizer-se, encantadores. Ela, uma mulher de estatura acima da média, tinha uma figura elegante. O rosto, de pele fina, aveludada e olhos grandes e escuros, combinava com os cabelos negros, penteados para trás e presos na nuca num arredondado suave. A testa alta manifestava uma personalidade vincada. Ele, por sua vez, alto e bem-apessoado, tinha pele e olhos claros num rosto delgado, onde à masculinidade se juntava doçura. O cabelo liso compunha o rosto em conjunto com um bigode de pontas ligeiramente curvadas para cima, muito comum na época.

A juventude, o encanto pessoal e a cultura semelhantes, certamente, facilitaram o enamoramento de Laura e Henrique. Todavia, a centelha que fez a paixão surgir, só para Deus não foi mistério. As famílias agradadas com a possibilidade de um futuro casamento acarinharam o seu namoro.

Dado não exercerem o seu ministério na mesma escola, para além das visitas e passeios, trocavam regularmente uma correspondência onde, também, davam a

conhecer os seus anseios, objetivos, tudo o que lhes ia no coração. Através da escrita mostravam a ternura que neles germinava como uma pequenina semente, a semente do amor que os cativava e prendia para sempre.

Até as caligrafias tinham algo de semelhante. As letras expandiam-se, com liberdade, de forma esguia, regular, inclinadas um nada para a direita. A de Laura mais desenhada. Como se usavam aparos e tinteiros, a variação da espessura do traçado conferia graça àquela escrita amorosa em que a gramática era um primor.

Envolvidos por um sentimento tão belo, já bem enraizado nos seus corações, e sentindo ser para toda a vida, decidiram casar. Embora, como diz o povo, o casamento seja uma carta fechada, tudo apontava para um futuro promissor àqueles noivos que caminhariam lado a lado numa aprendizagem contínua de vida em comum, sempre envolvidos num afeto profundo e perfeita harmonia.

Estava-se no começo do século XX, 1910, talvez. Henrique na casa dos trinta e Laura um pouco mais nova. Nesse mesmo ano casaram.

Foi um dia onde a alegria imperou e nem a ansiedade, natural nestes acontecimentos, conseguiu perturbar a beleza da cerimónia. Nuvens no horizonte, nem imaginárias. Familiares e demais convidados, em uníssono, aqueceram, com o seu afeto, o amor daqueles nubentes que, com entusiasmo, abriam caminho a um novo

lar, uma nova família. Terminada a boda, Laura e Henrique, agora sem contenções sociais ou religiosas, amaram-se como marido e mulher.

O tempo, o melhor juiz, provou ser a felicidade a companhia mais próxima e permanente do casal.



Foto: 1 (meia página do lado esquerdo)

Após um ano de vida conjugal, nasceu um menino, um lindo bebê de olhos azuis e cabelos ondulados. Deram-lhe o nome do avô paterno, Manuel José. Mais um ano correu e, pouco depois, sorriu para a vida e a todos fez sorrir, uma menina. Desta feita, com olhos e cabelos castanhos como a mãe. Não tão escuros. Meio nome do avô também lhe coube. Maria José, assim se chamou.

Mesmo não sendo frequente na época, Laura não se realizava somente como esposa e mãe. Excetuando os períodos de resguardo pós cada nascimento, mantinha a atividade de professora. Ensinar a criançada era algo muito especial para ela, o que não impedia o enriquecimento do seu núcleo familiar. Uma nova menina veio trazer mais fulgor e júbilo àqueles pais. Maria Stella, assim foi chamada pelo brilho dos seus olhos claros. Azuis? Cinzentos? Entre uma cor e outra.



Quatro anos se passaram sem uma beliscadura na felicidade de Laura e Henrique e seus três filhinhos. Não havia espaço para mágoas. Como era agradável apreciar o entendimento e benquerença que se respirava ao seu redor.

Laura engravidou novamente e, como sempre, o tempo e os acontecimentos sucederam-se sem preocupações inusitadas. Veio mais uma menina. Bons auspícios pairavam no ar, mas o destino que tem escolhos escondidos, de quando em vez, deixa cair um pelo caminho. Foi o que aconteceu. O novo ser mal deixou a proteção materna partiu, ficando em seu lugar uma profunda tristeza. Lágrimas abundantes correram pelas faces de Laura e Henrique enquanto soluços contidos sacudiam o peito de ambos. Crentes nos desígnios de Deus aceitaram sem revolta aquele desgosto. Já tinham um menino e duas meninas saudáveis e inteligentes. A dor suavizar-se-ia. Era só esperar que o tempo trouxesse o remédio e quem sabe, outras alegrias.

Avançando um pouco mais, o casamento de Laura e Henrique alcançou o sétimo ano e nova gravidez aconteceu. A felicidade do casal renasceu em força. Quem viria preencher o vazio deixado pelo anjinho que já saboreava no céu a presença de Anjos e Santos?

À data, decorria a primeira guerra mundial, em que Portugal também se enredara. Tal calamidade, em que o fim era uma negra interrogação, foi passando aparentemente alheada do jovem casal. Apenas o temor não os largava.

Porém, quando estava próxima a che-

gada de mais um bebê, já no rescaldo da guerra, Henrique foi convocado para se perfilar como oficial do exército e rumar para África. O desgosto de Laura era indescrevível. A gravidez já ia adiantada e o seu marido e companheiro amoroso de todos os momentos não estaria por perto aquando do parto. O destino separava-os sem dó nem piedade. Afinal, era a amarga sorte de tantos e, por fortuna, Henrique não iria para uma frente de batalha. Iria, sim, para longe, para outro continente. Era essa lonjura o espinho que se cravava nos dois corações que tanto se amavam. A saudade veio antes da longa viagem. Que angústia... Laura oscilava entre a melancolia e solidão pelo afastamento de seu marido e o doce consolo vindo do pequenino ser que em si transportava. Um amor partia, deixando dor. Um amor chegava trazendo esperança e apaziguamento.

A viagem de Henrique decorreu sem incidentes e a vida do casal continuou, então, apenas em estreita união espiritual. Afastados sim, mas em pensamento nem por um segundo distantes. A troca regular e frequente de correspondência ajudava a materializar o seu amor. Tocando, lendo e relendo as cartas, era como se dessem as mãos e se abraçassem apaixonadamente. A guerra e os poucos meios de comunicação causavam atrasos, de vez em quando, e com isso sobressaltos que, com fé na Providência Divina, eram superados. As cartas eram guardadas ciosamente. Nelas, seguiam as novidades do dia a dia e, com frases carinhosas, a torrente de sentimentos carregados de saudade e paixão que os invadia.

Os meses passaram a galope, a grande guerra findou e a 1 de janeiro de 1919, num parto feliz, veio ao mundo mais uma menina a quem chamaram Maria Júlia, como a avó paterna. O feliz evento atenuou a tristeza da ausência do pai, tanto mais que, com o Armistício de Compiègne marcando o fim da guerra, se esperava o regresso de Henrique, mal findasse a sua comissão como militar. Seriam mais alguns meses e a família reunir-se-ia para festejar dois grandes acontecimentos: o reencontro de Laura com o seu primeiro e único amor como mulher, Henrique, e Maria Júlia seria estreitada nos braços de seu pai pela primeira vez.

A partir de então, contavam-se, nervosamente, as semanas e os dias para o muito ansiado regresso de Henrique.

Inesperadamente, em março, aos três meses de vida de Maria Júlia, algo perturbador e devastador ecoou em surdina no bairro onde Laura residia e trabalhava. Pais de alunos, coleguinhas de Manuel José, então com 7 ou 8 anos, e alguns amigos da família, muito apreensivos e chocados não sabiam como proceder. Nervosamente, debatiam-se com o dilema:

“O que vamos fazer? Como vamos dizer? O que sucederá quando souber? Como suavizar a situação?”

“Talvez através dum companheiro de aula do Manuel José... se possa, disfarçadamente, levantar uma suspeita...”

E assim aconteceu. No intervalo das aulas um aluno da mesma classe disse-lhe:

“Olha, parece que o teu pai não está bem...”

“Quê??”

“Foi a minha mãe que disse...”

“O que tem o meu pai?”

“Hã... não sei. Qualquer coisa...”

Foi o suficiente. Manuel José, muito ligado ao pai, não mais sossegou. Queria saber... queria falar à mãe... correu ao seu encontro:

“Mamã, mamã, o... disse que o papá não está bem.”

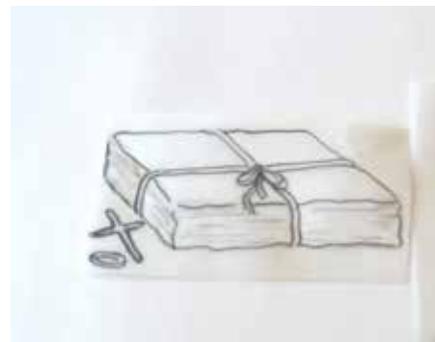
“Que dizes? O que é que ouviste?”

“O papá não está bem”, insistiu quase chorando.

Laura, subitamente, julgou enlouquecer. Um boato assim!!!! O coração batendo disparado e uma angústia queimando-lhe o peito roubavam-lhe energia e raciocínio. Caminhou quase sem pensar até casa de uns amigos íntimos do casal. Ai, já esperando por tal reação, simplesmente a ampararam, abraçaram e choraram.

Laura sentia-se perdida. Não era possível. Na última carta Henrique indicava a data provável da sua vinda. Os dois viviam inebriados com o encantamento do reencontro. Teciam planos para o futuro... Não, não podia ser... tinha de falar para o Ministério da Guerra. Laura não queria, não aceitava a hipótese de Henrique ter falecido. Fora um engano... Um engano que lhe esmagava o peito. Os amigos apenas choravam abraçados a ela. Oh! dor negra como a noite sem luar nem estrelas...

Quando oficialmente foi comunicado a Laura o funesto acontecimento, este não a apanhou totalmente despreparada. O estratégia dos amigos deixou-a na dúvida, dúvida que, infelizmente, se tornou certeza. Foram os familiares que trataram de tudo. Queriam que o corpo viesse para o continente. Laura queria olhá-lo, apertá-lo contra o seu peito, deixar correr uma cascata de lágrimas ardentes no rosto perfeito do seu amor. Queria dizer-lhe tanta coisa... queria deitar-se ao seu lado... Os seus desejos não tiveram eco.



Tempos depois, do Ministério da Guerra, recebeu um pequeno embrulho com a aliança, um crucifixo e um molho de cartas, as cartas que Laura escrevera. O capítulo mais negro da sua vida consumara-se.

A história de Laura continuou, mas agora vogando num mar de pequenas tempestades ou pequenas felicidades. Muito importantes foram o apoio da irmã que a convenceu a mudar para um novo horizonte, Lisboa, e pelo irmão solteiro, com fortuna no Brasil, que garantiu a Laura e filhos uma vida confortável. Viu os quatro filhos crescerem, tornarem-se adultos e independentes, enquanto Laura, depois de contrair tuberculose, deixar o ensino, curar-se, pois as crianças precisavam do amor materno, envelhecia devagarinho sempre com os filhos junto dela. Neles via Henrique.

Cinquenta anos passaram. O núcleo familiar mantinha-se: Laura e os quatro filhos. Nenhum casou, por isso não havia netos, todavia, uma sobrinha-neta da parte de Henrique era visita frequente e volta e meia permanecia em casa da tia-avó. Desde pequenina, aquela menina era olhada e tratada como se fosse neta. Para esta era agradável conversar com a sua tia-avó. Ia-se inteirando de factos interessantes ocorridos em épocas bem longínquas para ela.

Um dia, enquanto lanchavam chá e torradas, Laura, com mais de 80 anos, cabelos branquinhos e penteados como sempre, para trás e presos com arte na nuca, ao olhar para um retrato pendurado na parede, disse:

“É o retrato do teu tio-avô Henrique, antes de ir para África. Ninguém parece ter acreditado que ele veio ter comigo pouco depois de ter falecido. Mas veio. Eu estava aflita... não pude estar com ele, não me disseram o que realmente aconteceu... dormia mal... Porém, uma noite, de repente, ele aproximou-se de mim, com o rosto sereno, e eu ouvi claramente:

“Laura, eu estou bem... eu estou bem”.

“Disseram que sonhei, mas eu sei que era ele. Tive a certeza de que ele estava bem.”

A jovem escutou sem deixar transparecer se acreditava ou não. Talvez acreditasse, pois era intensa a convicção daquela confidência. Ficou um pouquinho emocionada. Conseguia perceber o amor que permanecia no coração da sua tia-avó.

Uma tarde, ao regressar da faculdade, a jovem, mal entrou em casa, deu conta de um alarido e palavras agastadas do primo, da tia-avó e a voz tímida da Maria (uma das empregadas). A sua tia-avó falava alto e estava, deveras, zangada. E o que viu ainda era mais impensado. Laura havia-se sentado no chão, com uma gaveta ao lado e à sua volta papéis, fotografias, cartas e outras coisas.



O primo Manuel José reclamava por tal estardalhaço, a Maria justificava-se que só ajudara a senhora a sentar-se ali, porque ela assim quisera, mas trouxera almofadas para a amparar. As primas, Maria Stella e Maria Júlia tentavam, em vão, acalmar os ânimos, sobretudo da mãe que já tinha muita idade e o coração fraquinho.

Dizia Manuel José:

“A mãe gosta de remexer na gaveta, desarrumar, voltar a arrumar, mas nunca sentada no chão e agora diz que eu empurrei com o sapato as cartas do papá!”

Laura, exaltada:

“E empurraste que eu vi. Tanto espaço para andar e tinhas que vir logo para aqui. Ofendeste o teu pai!”

Manuel José:

“Que ideia mais absurda!!!! Não toquei em nada!”

Laura, no mesmo tom:

“Empurraste. Sai daqui. Não te importas com o teu pai.”

As irmãs:

“Oh mãe! Acalme-se. Foi sem querer.”

“Maria, ajuda-nos a levantar a mãe. Nós acabamos de arrumar.”

Laura, secamente:

“Não!” Num gesto imperativo desfez a tentativa de ajuda oferecida pelas filhas e fechou-se num silêncio tenaz.

Decerto, o seu coração chorava, enquanto, com delicadeza, juntava as fotos e outros pertences e os colocava na gaveta com muito carinho.

Depois, num tom triste:

“Maria, ajuda-me a meter as cartas nos envelopes.”

As cartas foram a última coisa que arrumou, mas só depois de ler algumas em

silêncio como se as acabasse de receber. As imagens, que atravessavam o seu pensamento e os sentimentos que revivia, só Laura sabia. A jovem sobrinha-neta observava aquele cenário com espanto e respeito. A tia-avó, velhinha, numa posição incómoda, alheia ao que a rodeava, apenas interessada na recordação do seu grande amor, lendo as cartas amarelecidas pelo tempo como se estivesse com Henrique a seu lado.

Feitas as contas, cinquenta anos ou mais, depois de se terem abraçado pela última vez, trocado as últimas palavras e lido a última carta, o grande amor de Laura por Henrique mantinha-se vivo e intenso como quando se conheceram e apaixonaram.

A jovem estava enternecida e encantada. Será que também viveria um amor assim? Um grande amor que nunca pudesse ser esquecido? É hábito dizer-se: “Longe da vista, longe do coração”. Afinal, o inverso também é verdadeiro. Nessa noite, pelo menos, adormeceu imaginando como teria sido o amor e a dor da sua tia-avó, enquanto murmurava: “um grande amor nunca se esquece”.



ALBERTO CAEIRO E UM TOQUE DE FERNANDO PESSOA

Odete Mendes

Professora do Ensino Secundário

*Sou o Descobridor da Natureza.
Sou o Argonauta das sensações verdadeiras.*
Alberto Caeiro (XLVI)



► Andava eu a fazer arrumações em casa quando, qual Carochinha, descobri algo que foi uma completa surpresa: um linóleo e duas ou três das respetivas impressões. Tantas ações de formação fiz na vida que já nem me lembrava daquela, exceto de um pequeno pormenor: após a primeira impressão, uma das ovelhinhas perdeu um olho e eu fiquei completamente devastada porque foi talvez o elemento que mais cuidado me exigiu no corte...

Ao contrário do que é mais frequente, de todas as personalidades de Fernando Pessoa (ortónimo e heterónimos) a que mais me agrada desde sempre é Alberto Caeiro, e foi pensando na sua poesia que agarrei as goivas para escavar o linóleo.

Vou, então, apresentar-vos os versos espetaculares que mais me inspiraram, esperando que os reconheçam na gravura.

“O meu olhar é nítido como um girassol.” (II)

“Sou um guardador de rebanhos.
O rebanho é os meus pensamentos
E os meus pensamentos são todos sensações.” (IX)

“Não me importo com as rimas. Raras vezes
Há duas árvores iguais, uma ao lado da outra.” (XIV)

“Quem me dera que a minha vida fosse um carro de bois
Que vem a chiar, manhazinha cedo, pela estrada, (...)
Eu não tinha que ter esperanças - tinha só que ter ro-
das...” (XVI)

“O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia,
Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia
Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia.” (XX)

“As bolas de sabão que esta criança
Se entretém a largar de uma palhinha
São translucidamente uma filosofia toda.
Claras, inúteis e passageiras como a Natureza.” (XXV)

“Vivo no cimo de um outeiro
Numa casa caiada e sozinha,
E essa é a minha definição.” (XXX)

“Como um grande borão de fogo sujo
O sol-posto demora-se nas nuvens que ficam.” (XXXVII)

“Antes o voo da ave, que passa e não deixa rasto,
Que a passagem do animal, que fica lembrada no chão.
(...) Passa, ave, passa, e ensina-me a passar!” (XLIII)

E, agora, não de perguntar “E o que faz ali a Sé de Lisboa?”. A Sé é o *intruso* de Fernando Pessoa a que se refere o título deste texto. Embora Lisboa não seja uma aldeia, o som dos seus sinos tem, para o poeta, a magia, a intimidade de algo imemorial que só se idealiza numa aldeia.

Ó sino da minha aldeia,
Dolente na tarde calma,
Cada tua badalada
Soa dentro da minha alma.

(...) Por mais que me tanjas perto
Quando passo, sempre errante,
És para mim como um sonho
Soas-me na alma distante.

A cada pancada tua,
Vibrante no céu aberto,
Sinto mais longe o passado,
Sinto a saudade mais perto.

Fernando Pessoa (ortónimo)

Depois de vos apresentar o roteiro da gravura, não resisto, ainda, a deixar-vos algumas das pérolas de Alberto Caeiro:

“Pensar é estar doente dos olhos” (II)
“Há metafísica bastante em não pensar em nada.” (V)
“... eu sou do tamanho do que vejo
E não do tamanho da minha altura...” (VII)

O que está entre parêntesis é a indicação da poesia, todas elas pertencentes ao livro **O Guardador de Rebanhos**, incluído nos Poemas de Alberto Caeiro.

Para melhor entenderem as frases soltas, aconselho a leitura completa dos textos e, com um coração aberto. Encontrarão, com certeza, momentos de puro deleite.

Acabo fazendo notar que a poesia pura não tem que ter rima. Como diz o poeta “Raras vezes / Há duas árvores iguais, uma ao lado da outra.”

Espero que gostem da minha gravura e, sobretudo, de Alberto Caeiro.

Boas leituras!

O CENTRO DE INTERPRETAÇÃO DO ROMÂNICO

Rosário Correia Machado

Diretora da Rota do Românico

“A arte oferece-nos a única possibilidade de realizar o mais legítimo desejo da vida - que é não ser apagada de todo pela morte.”

Eça de Queiroz

► O Centro de Interpretação do Românico (CIR), promovido pela Rota do Românico, abriu ao público a 27 de setembro de 2018, Dia Mundial do Turismo, no centro da vila de Lousada.

O projeto expositivo deste grande equipamento de divulgação do património histórico-cultural distingue-se pelo arrojado da sua arquitetura contemporânea, mas igualmente pelas múltiplas experiências proporcionadas pelos seus conteúdos museográficos.

Baseando-se nos conceitos geradores da arquitetura do Românico no nosso País, este edifício - construído de raiz - é um elemento de transição entre os dias de hoje e a diversidade de imóveis que a arquitetura medieval produziu nesta região.

Para além dos espaços de receção, cafetaria e biblioteca, o CIR é constituído por uma superfície expositiva de cerca de 650 metros quadrados, através de um circuito - com total acessibilidade - em que o visitante percorre seis salas temáticas, dotadas de uma forte componente cenográfica e nas quais poderá ficar a conhecer o “Território e Formação de Portugal”, a “Sociedade Medieval”, “O Românico”, “Os Cons-

trutores”, “Simbolismo e Cor” e, por último, “Os Monumentos ao longo dos Tempos”.

Cada sala está equipada com diferentes meios informativos e tecnológicos, que se combinam para proporcionar aos visitantes experiências sensoriais e interativas, que possibilitem uma nova visão interpretativa sobre a expressão artística românica no território dos vales do Sousa, Douro e Tâmega.

Aliando saber e entretenimento, objetos e tecnologia, o CIR tem como objetivo a promoção e o conhecimento do Românico, num lugar único para a educação, difusão, investigação e sua conservação.

Como recurso didático e pedagógico, o CIR facilita o conhecimento da arte e da História de Portugal, de uma forma responsável e lúdica, perfilando-se, deste modo, também como o cenário ideal para todas as gerações descobrirem um passado bem presente: o Românico.

Este pressuposto tem alicerçado o trabalho do Serviço Educativo da Rota do Românico, com a promoção de um vasto conjunto de atividades, regulares (visitas, oficinas, exposições...) e pontuais (concertos, performances teatrais,





comemoração de efemérides, aniversários...), para todos os públicos.

Uma das marcas mais significativas do percurso expositivo do CIR é a dicotomia existente entre o claro e o escuro, através da diferença de luminosidade entre os espaços abertos e fechados, criados pela arquitetura base do edifício.

Os conteúdos estão implantados dentro dos pontos mais singulares do edifício, seguindo o caminho natural desde a entrada principal, e projetando o percurso até aos diversos espaços expositivos, mediante sinalética informativa apropriada.

A comunicação interpretativa de cada uma das salas encontra-se distribuída por três tipos de suportes (paredes, mobiliário e tecnologia) e procura destacar-se pelo seu carácter intuitivo e direto.

Deste modo, a linguagem visual apresentada visa a prossecução de dois objetivos essenciais: envolver o visitante na história que se pretende contar e dar uma interpretação/conhecimento mais rápido, permitindo ao visitante diversos níveis de saberes e suportes.

O percurso expositivo do CIR procura obedecer aos seguintes requisitos fundamentais:

- Inteligibilidade, a exposição deve ser “lida e assimilada” pelo visitante, promovendo a participação interativa, interpretativa e elaborativa do público. Assim, criamos a possibilidade da aproximação das pessoas entre si, entre sujeitos que dialogam, aprendem e questionam o Românico e o território desta região;
- Experiência. A interação humana no contexto expositivo deve proporcionar experiências que envolvam o público;
- A exposição como unidade concetual e visual está dividida em módulos/salas, organizando-se as temáticas de forma a simplificar a apropriação do conheci-

mento pelo visitante;

- Os ambientes expositivos aliam a tradição do Românico com a inovação tecnológica, criando uma simbiose entre o novo e o antigo;
- Valorização dos conteúdos através da arquitetura e técnicas expositivas, nas quais a iluminação, as cores e os materiais envolvem o visitante na nossa história, numa experiência integral (física, cognitiva, afetiva, emocional e psicomotora);
- Centralização no indivíduo, não permitindo uma fuga para a “fetichização” de objetos ou a sua supervalorização, considerando que o mote do CIR são as pessoas e os conhecimentos que lhes podemos transmitir.

Após entrar no espaço do CIR pelo “pórtico românico”, o visitante estará exposto a uma sequência de experiências, que lhe transmitirão um conjunto nuclear de ideias forças ou memórias.

Estas unidades básicas de memória serão, no caso do CIR, as temáticas organizadas em cada espaço/edifício (as “7 torres”), permitindo de uma maneira simples, direta e educativa, transmitir, fazer circular e projetar as ideias-chave para um conhecimento de uma experiência única que é o Românico do Sousa, Douro e Tâmega.

O CIR afirma-se, em síntese, como uma porta privilegiada para o início da viagem de descoberta da Rota do Românico e do seu território de influência, mas igualmente das expressões artísticas e das manifestações simbólicas que marcaram Portugal e a Europa, da Idade Média até à contemporaneidade.

A Rota do Românico reúne, atualmente, 58 monumentos, distribuídos por 12 municípios dos vales do Sousa, Douro e Tâmega: Amarante, Baião, Castelo de Paiva, Celorico de Basto, Cinfães, Felgueiras, Lousada, Marco de Canaveses, Paços de Ferreira, Paredes, Penafiel e Resende.

UMA ADVOCACIA ANORÉXICA E ESTATIZANTE

 **Sílvia Rebanda**
Advogada

“Tudo o que peço é uma oportunidade de provar que o dinheiro não me pode fazer feliz”
(SpiKe Milligan, humorista)

► O Estado Democrático, instaurado na sequência do 25 de Abril, veio permitir a instituição de um sistema de acesso ao direito e aos tribunais, por forma a que ninguém, em razão da sua condição social, cultural ou por motivos de insuficiência económica, fosse impedido ou dificultado de conhecer, fazer valer ou defender os seus direitos. Esteve bem o nosso Estado de Direito Democrático.

Os Advogados e a sua Ordem, que sempre se perfilaram na primeira linha na defesa dos direitos dos cidadãos, aceitaram, com entusiasmo, assumir um papel colaborante e activo na implementação de tal sistema. Estiveram bem os Advogados e a sua Ordem.

Todavia, passados tantos anos da consagração constitucional do princípio do acesso ao direito, nomeadamente na vertente do apoio judiciário, nem os advogados nem o Estado se podem dar por satisfeitos e muito menos quanto aos resultados obtidos.

Cada vez há mais advogados que “vivem” quase exclusivamente das oficiosas.

Progressivamente, os advogados transformar-se-ão em meros “funcionários públicos”, com a agravante de serem mal remunerados e pagos tardiamente.

Hoje em dia, quantos Advogados conseguem ainda ad-

vogar fora das oficiosas?

Importa equacionar urgentemente a questão, até mesmo porque começa a estar em causa a advocacia como profissão liberal, com todas as consequências que tal situação implicaria, inclusive para o próprio Estado de Direito.

Trata-se, aliás, de um dos vectores essenciais na crise da Justiça no nosso país.

Há que assumir, sem cinismos ou hipocrisias, que o actual sistema do apoio judiciário é imoral, está falido e é excessivamente penalizante quer para os Advogados, que de facto não recebem uma justa remuneração, quer para os cidadãos contribuintes, que pagam mais do que lhes deveria ser exigível.

O que é certo, é que algo tem de ser feito com urgência, sob pena de continuarmos a “manter” à custa do erário público, uma advocacia “anoréxica” e cada vez mais preocupantemente estatizada.

“Toda a vida quis ser alguém. Agora vejo que devia ter sido mais específica.”
(Jane Wagner, escritora e cineasta)

A autora escreve de acordo com a antiga ortografia

VIAGENS DE ANTANHO (IV)

Vítor Moreira

Professor do Ensino Secundário

► Nas três últimas “viagens” que publiquei nesta revista recordei tempos da minha meninice, descrevi a divisão de um Lordelo antigo em três Lordelos, trouxe à memória a Torre dos Alcoforados, falei das pontes do rio Ferreira e dei a conhecer o Mosteiro de São Salvador de Lordelo que existiu na nossa terra.

As primeiras oficinas de cadeiras

Na viagem de hoje vou recuar no tempo uma boa centena de anos e recordar memórias das primeiras oficinas de cadeiras em Lordelo. Os nossos avoengos não deixaram escrita a sua história e apenas se sabe que seriam de índole familiar e muito artesanal. “A Agulheta”, saudoso jornal dos nossos Bombeiros, chegou a falar dessas oficinas, que devem ter nascido no último quartel do século XIX e foram a gênese da nossa indústria de mobiliário. O “Lisboano”, de seu nome Joaquim Rodrigues Pereira, veio

da Figueira da Foz e estabeleceu-se em Lordelo, em 1884, com uma oficina de torneiro e cadeiras. Talvez outras oficinas tenham existido antes desta, mas pouco se conhece desse passado e a informação escasseia. Contudo, uma certeza ficou e que se traduz na proliferação desse modo de vida em Lordelo, que foi passando de pais para filhos. Nessas oficinas familiares trabalhavam os homens, e as mulheres tinham um papel fundamental no transporte das cadeiras. Eram transportadas à cabeça pelas **carreteiras** para as estações de caminho de ferro de Paredes, Valongo, Campanhã e outros locais. Trabalhava-se de “sol a sol”, como o Manuel “Borboleta” de Parteira e o Paulino da Costeira, isto por volta de 1900, e pelos anos 20, o Alfredo “Sapateira” e o Américo do “Pô”. Estes são, apenas, quatro nomes que encontrei no referido jornal “A Agulheta”. As ferramentas utilizadas para trabalhar a madeira eram artesanais, como se pode observar nas fotos apresentadas.



Banco antigo de marceneiro



Formões, goivas, bedames e outros



Garlopa, “guilhermes” e plainas



Serra manual



Rebolo antigo de afiar



Pua antiga

Outra oficina importante na época foi a do Eduardo Ferreira da Costa, situada em Soutelo, na bermá da atual EN 209. Os primeiros marceneiros a construírem outro tipo de móveis devem ter vindo para Lordelo na segunda década do século passado. Trouxeram com eles o fabrico de móveis utilizando a chamada “obra de esquadria”, existente em Gondomar. Eram os *enxabladores*, como se dizia na altura. Os primeiros mestres nesse ofício em Lordelo foram o Tiago Fernandes de Soutelo e o seu irmão Torquato do Guardão. Foram estes que mobiliaram grande parte dos Palacetes dos Silva Moreira e fabricaram a sala de jantar em madeira de pau-preto para a família Gil de Refojos. Por essa altura, outros nomes se afirmaram no mobiliário em Lordelo: Silvestre Dias Carneiro (pai de José Dias Carneiro dono da Jodicar e avô de Joaquim e Pedro Dias Carneiro), a família Lamas, o Gaspar, o Zeferino e outros. Um nome vou destacar, o do Barbosa “Querido”, pai de Amadeu Barbosa, que teve uma serração mesmo ao lado do atual Novo Banco, no Entroncamento. O Barbosa “Querido” conheci-o bem, viveu e morreu na casa onde hoje é um café, no lugar da Igreja, que chegou a ser residência de párcos de Lordelo e onde também morou o Manuel do Alto. Segundo parece este “Querido”, amigo do copito de bagaço, foi o primeiro negociante de Lordelo a comprar um automóvel para uso particular. Era um Fiat, verde escuro, n.º 317, de cerca de 1920. Por volta de 1925, Moreira dos Santos montou no Padrão uma oficina com máquinas que ar-

rematou em Guimarães em almoeda: uma garlopa, uma serra de fita, uma tupia e outras. Esta maquinaria chegou a ser alimentada por um motor a petróleo, que alimentava um gerador elétrico. A chegada da luz à nova oficina foi comemorada com meia dúzia de foguetes. Em 1928, o Manuel “Serrador”, da Levadinha, já possuidor de um engenho movido a água, mandou instalar uma serra de fita, também movida a água. É aí que se começa a serrar madeira em prancha e já “riscada” para outras oficinas. Pouco tempo depois, o Valente de Penhas Altas pôs a mover a água uma serra circular. Outras oficinas construíram artesanalmente as suas próprias serra de fita, que, a partir de 1934, começaram a funcionar a eletricidade. A indústria do mobiliário foi evoluindo paulatinamente e aos marceneiros, aprendizes e “moços da cola” juntaram-se os entalhadores, os torneiros, as empalhadeiras, os polidores, os maquinistas, os lacadores e muitos outros.

Atualmente, já existem fábricas de grande dimensão e vocacionadas para a exportação. São estas que empregam a maioria da população ativa e são o reflexo do desenvolvimento verificado. Mas, no passado, a força das águas do rio Ferreira fazia mover as mós dos moinhos e também era utilizada na serragem da madeira. Os primeiros engenhos para esse fim devem datar de fins do século XIX e um desses engenhos funcionou junto à ponte do Pinguela, em Penhas Altas, e outro junto à ponte do Cosme.

As carreteiras e despachadeiras

Como já escrevi acima, as carreteiras eram mulheres que transportavam à cabeça seis cadeiras até às estações do caminho de ferro de Paredes, Valongo, Porto e outros locais. Do jornal Agulheta tirei:

"(...) por onde as carreteiras de antanho, com seus carregos à cabeça, rompiam as solas dos pés, no trilho áspero dos córregos, ... e a "Palheira" rabujando chamava ... pela Isaura do Outeiro, pela Justa do "Trepo", pela Amélia do "Feliz"... a Emília do "Mião", a Luzia do Mião ou ...a Deolinda do "Júlio" da Ferrugenta, a Rita do "Peletra" da Ribeira e a Maria do "Amaro" da Torre (...)"

Estes são nomes de algumas das carreteiras de Lordelo, que, com muitos quilos à cabeça, transportavam seis cadeiras não só para as estações de caminho de ferro, mas também para outros locais mais longínquos. Chegaram a caminhar até Guimarães, Matosinhos, Póvoa de Varzim, Viana do Castelo, Santa Marinha do Zêzere e Vila Real. *"(...) e dizem os antigos que algumas carreteiras chegaram a levar cadeiras a Lamego."* Será verdade? Li que eram jornadas de cinco, seis e mais dias!... As cadeiras eram amarradas com a estribeira, feita da estopa tirada do linho, para melhor aguentar o esforço. Com o carregos à cabeça, colocado com a sabedoria dada pela experiência, as carreteiras lá seguiam no encaço umas das outras, cantando para afugentar o cansaço e as agruras da vida.

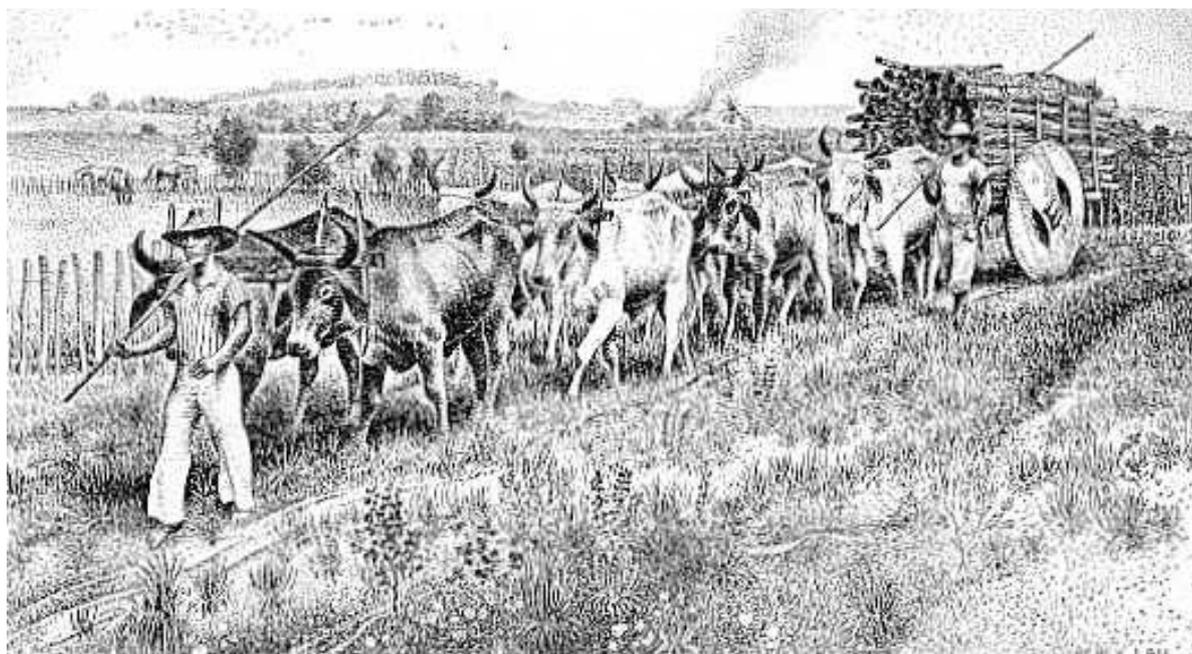
Como disse, as estações de caminho de ferro mais utilizadas para despacho das cadeiras eram as de Paredes, Valongo e Campanhã. Os negociantes escolhiam mulheres desembaraçadas e expeditas que tinham de resolver, por vezes, complicados problemas. Das escolhidas, as mais espertas e responsáveis, eram as "**despachadeiras**", que ocupavam um lugar privilegiado entre os pares e faziam a rogação de mulheres. Quando não havia carretos para todas, a despachadeira voltava os olhos para as mais necessitadas, o que, por vezes, provocava ressentimen-

tos. E lá vinha o desabafo: *deixa lá mulher, fica p'ra próxima!... fica p'ra próxima!...*

Maria Moreira, a "Palheira" foi uma dessas despachadeiras. Nasceu a 20 de janeiro de 1881 e, com 12 anos de idade, já levava o seu carregos de 3 cadeiras a Valongo, juntamente com as carreteiras veteranas. Casou aos 23 anos com Joaquim Moreira, matador de porcos, e foram viver para Moinhos. Teve três filhos, o António, o Agostinho e o Francisco, rapagões saudáveis que eram o seu orgulho. De 1910 a 1915, a Palheira foi a despachadeira do "Manca" (Joaquim C. da Silva, do Vinhal). Mais tarde, o Joaquim, marido da Palheira, adoeceu e não mais trabalhou. Não matou mais porcos, e a Palheira atravessou momentos difíceis, o dinheiro escasseava... Deixou de trabalhar no Manca e arranhou novo patrão - o "Tonino", António F. Passos, homem trabalhador e bem visto no ofício das mobílias. Fazia parte da nova geração de industriais que mais se salientaram a partir dos anos 30: Os "Ritas" Eduardo F. da Costa e seu irmão Augusto, "O Zé do Silvestre" José Dias Carneiro, o filho do Manca J. Costa e Silva Júnior, os "Lamas" Adelino e António, o "Pelota" A. Ribeiro Pelota, o "Roque" José Roque F. Almeida, os "4.^{as} Feiras" Manuel e seu irmão João Couto e Silva, o "Masse-lino" M. Pinto Carneiro, o "Sapateira" Joaquim da Costa, o "Palito" Joaquim Moreira e outros, como o Gonçalves, o Paulino, o Branca... Estes industriais foram quase todos operários com um começo de vida modesto e muito trabalho árduo. Mas o comércio também acompanhou o desenvolvimento da indústria em Lordelo. O primeiro estabelecimento de drogaria, ferragens e todo o material para a construção civil, onde havia de tudo, sem faltar fornos de barro, para cozer a broa, e penicos e cântaros que vinham de Barcelos..., era um estabelecimento que dava honras à terra e o seu proprietário era o "Augusto da cal", de seu nome Augusto Dias Castelo.

Os carreteiros

Nesses tempos em que as carreteiras transportavam cadeiras e outros móveis à cabeça, coexistiam os carreteiros, que percorriam os caminhos de Lordelo nos seus carros de bois, transportando outras mercadorias.



Essencialmente, faziam carros de madeira para as pequenas oficinas. Pelo que li, não havia na floresta das proximidades de Lordelo madeira de qualidade para o fabrico de móveis. Só o pinheiro e o eucalipto existiam em grande quantidade. Para os lados de Vizela e arredores, por vezes, conseguiam-se lotes de boa madeira, como a nogueira, castanho e outras. A camioneta era ainda uma miragem, e o seu transporte era feito por esses carreteiros. Um dos últimos em Lordelo foi o “Moiira”, de seu nome Manuel Alves de Moura, que nasceu a 27 de janeiro de 1895 numa casa paredes meias com a Torre dos Alcoforados. Casou com Margarida de Lemos Barros a 20 de setembro de 1917 e faleceu a 8 de março de 1974. Outros houve, como o Loureira (avô da esposa do professor Vilares), o Cunha da Torre, o António Bessa (pai do Manuel Luís) e o Joaquim do Ronfe (pai do Sr. Álvaro). De madrugada, estes e outros, rogados no dia anterior, lá partiam para cumprirem a sua missão. Houve muitos carreteiros em Lordelo, houve-os às dezenas e faziam “fretes” de mercadorias transportadas para as estações de caminho de ferro em Paredes, Valongo e Campanhã. Iam à feira do

Cô, a Penafiel, Famalicão e a muitos outros locais. A chieira dos carros de bois era infernal quando lhes faltava a untadura no eixo das rodas!... Trabalhavam quase sempre em grupos de três ou mais para se ajudarem nos terrenos de acesso mais difícil.

Por volta de 1950, havia ainda em Lordelo carreteiros e carros de bois no desempenho do transporte de cadeiras, madeira e outras mercadorias. Mas o transporte motorizado já se começava a sentir. As carreteiras e despachadeiras de outrora foram desaparecendo, mas, por vários anos, ainda continuaram a palmilhar os caminhos para fora de Lordelo. Para tratar de assuntos em Paredes, sede do nosso concelho, ainda quero recordar “as *recoveiras*”, que faziam serviços e recados, como a “Marimba” do Padrão.

Mas tudo acaba! E, certo dia, apareceu em Lordelo a primeira camioneta. Foi a machadada final na vida abnegada e humilde dos carreteiros... O transporte motorizado veio substituir o carro de bois de longo e curto percurso.

Foi assim em tempos já bastante distantes...

Poesia

**São essencialmente as palavras
que interessam aos poetas.
Palavras que tecem filamentos
de emoções...**

Ana Maria Cabral

Professora do Ensino Básico

Poema

Poema é uma Alma
 Que procura outra Alma
 É coração com coração
 Poema é uma mão
 Que se entrelaça noutra mão
 É um braço
 Que se estende num abraço
 Poema é o Universo
 Com todas as criaturas
 É o Céu é a Terra
 Com toda a beleza que encerra
 Poema é amizade, alegria, saudade
 Que se guarda em qualquer idade
 Poema é gostar de alguém
 Esperar pela sua presença
 E que um dia, ela nos pertença.

Ser Mulher

Ser mulher é ser flor
 Por entre espinhos e abrolhos
 Ser mulher é ser amor
 Na doçura dos seus olhos

Ser mulher é ter vontade
 De abraçar o Mundo inteiro
 Ser mulher é ter vaidade
 No que tem de verdadeiro

Ser mulher é o futuro
 O passado e o presente
 Ser mulher é o que auguro
 No corpo e alma da gente

Coração

O músculo que há no peito
 Que se chama coração
 Anda por vezes desfeito
 Por falta de opinião

Coração que andas partido
 Não te lamentos demais
 Não andes assim perdido
 Pára de dar tantos ais!

Ganha força e coragem
 Vive sempre de Esperança
 A vida não é miragem
 É Fé e perseverança.

Senhora do Natal

Nossa Senhora do Natal
 Senhora da Paz, da Esperança
 Na mudança em cada dia
 Senhora da Alegria
 Mãe de Deus e nossa Mãe
 Senhora que, aos homens, amor tem
 Senhora do Nascimento
 Que gerou no seu seio
 O Menino do Renascimento
 Senhora que trouxe ao Mundo
 A Salvação eterna
 Senhora, Mãe sempre terna
 Senhora do Natal
 Que recolhias no coração
 Todos os sentimentos que Jesus provocava
 E, no silêncio, amavas e adoravas, com dor
 O Jesus, nosso Salvador.

Donzília Martins

Professora do Ensino Secundário

Sempre

Sorrir sempre!!! O sorriso dá vida à alma
Alinda o rosto, é ternura, ventura e acalma
Em nós e no outro toda a dor.
A alegria transforma o ser, traz felicidade
É sacrário e palavra a dar rosto à verdade...
O sorriso é altar sagrado do amor.

Agradecer sempre!!! O maior gesto é a gratidão.
Fica mais belo, solto, livre e feliz o coração
Criando asas e incendiando o universo.
Quando Jesus curou a multidão só um voltou para agradecer
O Senhor triste e compungido fez aos outros ver
Que ser grato é ter no peito o maior verso.

Ouvir sempre!!! Cala a tua voz, deixa o outro falar!
Ele precisa de abrir a alma para a chaga curar
Esvaziar a dor e a noite contando a sua história.
Se tu parares para ouvir e animar alguém
Verás que a felicidade maior ao teu peito vem
E será esse o troféu que vincará tua memória.

Uma história de amor

Era uma vez...Todas as histórias começam assim!
Da sombra sobem, descem, pousam a descansar
E no enredo da vida tocam um clarim
Para histórias de amor poder contar.

Era uma vez uma menina linda de loira trança
Que feliz vivia para lá dos montes...
Foi crescendo amada e, deslumbrada essa criança
Subiu à serra a espreitar o horizonte.

Maravilhada, o que viu dali do alto céu
Espantou-a! Havia livros, precipícios e mar.
Estendeu os braços e no abraço que deu
Apanhou o sonho, o sol, as estrelas e o luar.

Depois voou. Planou, subiu, caiu, chorou, amou,
Cantou, sofreu, plantou árvores de alegria e dor...
Das lágrimas pérolas pássaros criou
Construindo altares em jardins de Amor.

Na espera das palavras

Enchemos a vida de palavras
mesmo as que retemos para sempre no coração.

Falam os nossos olhos, as mãos,
as rugas que nos vincam o rosto
e cada pedaço do nosso corpo e alma é palavra.

Toda a nossa vida é um bailado
de sons inarticulados,
um projeto de partidas e chegadas,
de beijos e abraços que não demos
deixados nas palavras aprisionados!

No altar de sílabas e ditongos que somos todos nós
erguem-se círios ardendo em alta voz
na espera das palavras ardidas.

Qualquer palavra é um mundo falante
de significantes e significados
e uma manta de retalhos bordados
presos na boca à porta da alma.

Com uma só palavra podes vencer ou destruir o mundo!
Ou torná-lo mais belo até ao cerne mais profundo
onde vivem as palavras.

Nunca uma palavra é pobre!
Toda a palavra é luz e vida
sol, lua, terra, mar, canção e verso...
É com estrelas de palavras que se escrevem
constelações no universo.

Eventos Externos



► Os espaços e equipamentos da Fundação A LORD foram cedidos a várias instituições para a realização de diversas atividades, nomeadamente videoconferências, entrega de prémios e diplomas de mérito, projeção de filmes, sessões de música, dança e teatro.

O esquema seguinte espelha as instituições que solicitaram os espaços anteriormente referidos.

AUDITÓRIO

10-01-2018

Escola Básica e Secundária de Lordelo

17-02-2018

Grupo Cultural e Recreativo de Lordelo “Os Expansivos”

23-03-2018

Colégio Nova Encosta

26-05-2018

Aliados Futebol Clube

16-06-2018

Comissão de Festas da Cidade de Lordelo

14-07-2018

Academia de Música e Artes de Freamunde

21-07-2018

USC Paredes II - Associação desportiva

28-07-2018

Ginásio Memorial Center

26-10-2018

Agrupamento de Escolas de Lordelo

16-12-2018

Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Lordelo

SALÃO NOBRE

02-05-2018

Equipa de Autoavaliação do Agrupamento de Escolas de Lordelo



Rua da Cooperativa, 27
4580-809 Lordelo Paredes

TEL.: 224 447 357

geral@fundacaoalord.pt
www.fundacaoalord.pt



ALORD
FUNDAÇÃO